

A primeira "Bolsa de Valores" data de 1487, em Bugres, Bélgica. À casa dos Van der Burse afluíam comerciantes para negociar participações e cotas em empresas. No brasão da família viam-se três bolsas, do que derivou o nome "Bolsa".

"A economia e o homem tecnificado", a subjetivação deste e
nossas possibilidades psicanalíticas

Fausto Antonio de Azevedo

Para P.H.

*É pernicioso para o homem tudo o que, sem torná-lo melhor,
o torna mais poderoso.
Goethe*

1. A Economia não é inócua, é óbvio

Alfredo Sáenz, padre e escritor, numa obra obrigatória: **O homem moderno**¹, faz, entre outros, um mergulho na relação do homem com a Economia e em como esta impacta e modifica aquele. Ele será nosso guia para alguns breves questionamentos.

Fixemos, desde logo, dois pontos:

1. O fascínio, desde sempre e hoje sempre maior e mais avassalador, da técnica sobre o homem;
2. O peso esmagador da economia (cada vez mais intensamente materialista) sobre o ser humano, as sociedades e os governos.

A explosão da tecnologia digital e as possibilidades infindáveis da *Tecnologia da Informação e da Comunicação* (TIC)², desde os jogos e brinquedos, até as guerras, passando pelas ciências da saúde e pelas bolsas de valores e investimentos, encanta e estimula a todos nós (o que é bom), mas, também, pode nos “tecnificar”, o que é muito ruim. O fato é que nos dias presentes não mais vivemos sem recursos tecnológicos avançados³, que se atualizam e se desatualizam a cada dia para novamente se atualizarem... O risco que nos sonda da decorrência dos

¹ Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Ed. CDB-Centro Dom Bosco, 2021. 312 p.

² “TICs consistem em TI, bem como quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. São um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação, comunicação e facilitação dos processos de negócios, da pesquisa científica, de ensino e aprendizagem, entre outras.”

Conforme a expressão *Tecnologias da informação e comunicação* na Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_da_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o. (Acesso em 30/novembro/2023.)

³ Um aparte: e cá estou eu nas delícias tecnológicas do Microsoft Word, utilizando o recurso do *Transcritor*, que me facilita demais – e me acomoda... – as citações do livro do Padre Sáenz.

excessos de cientificismos e/ou tecnicismos foi muito bem apontado e em bom tempo (1998) na encíclica *Fides et ratio*⁴ do papa João Paulo II.

Na página 80 de seu antes citado livro, Sáenz nos adverte:

“A técnica oferece ao homem atual uma enorme quantidade de possibilidades. Mas justamente essa ampliação de alternativas acende nos homens a ânsia do insaciável, impulsionando-os a viver extensivamente, e não intensivamente, no sentido de profundidade. E assim acontece na prática, pois enquanto as conquistas técnicas crescem a cada dia, a interioridade decresce e o espírito se empobrece. O progresso exterior e o interior não são diretamente proporcionais.”⁵

Quanto mais espetacular e denso o progresso exterior, mais singelo e ralo o interior... E vamos, quase todos nós, nos esvaziando de nossa singular riqueza interna, para engrossar a trilha de um caminho de rebanho com sua superficialidade e padronização.

Quanto ao referido materialismo na/da economia, não é aquele da tradição filosófica que apregoava que tudo é matéria e nada mais. Trata-se de um novo materialismo, mais raso e mais chocho:

“O materialismo moderno é, diferentemente, um estilo de vida, um comportamento determinado diante da existência; é um materialismo prático que não busca argumentos em seu favor, mas que se contenta em entender o mundo como um conjunto mecânico que lhe é útil ou agradável.”⁶

A consequência de nossa exagerada paixão tecnológica, do contínuo progresso técnico, e de sua associação com a economia nos

⁴ A Santa Sé. CARTA ENCÍCLICA FIDES ET RATIO DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE FÉ E RAZÃO. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. (Acessado em 19/novembro/2023.)

⁵ Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Editora CDB – Centro Dom Bosco, 2021. p. 80.

⁶ Idem acima, p. 81.

últimos 200 anos (desde que Adam Smith a descobriu), foi o aparecimento de “um tipo próprio e novo de ser humano, o *Homo oeconomicus*, cujas ações se guiam exclusivamente pelo cálculo do interesse próprio”⁷. Smith admitiu o egoísmo no mundo da economia. Todavia, contrariamente, Karl Marx, discípulo de Smith:

“(...) construiu um sistema de pensamento segundo o qual a economia é a ‘estrutura’ básica da realidade e todo o resto, a arte, a filosofia, o estado, a religião, o direito, etc., não é senão uma superestrutura destinada a justificar a economia dominante. Logo, os economicistas liberais e os marxistas começaram a discutir qual deveria ser o tipo de economia dominante. Mas, acima de toda a divisão, havia algo em que estavam de acordo: a economia, seja qual for, tinha o predomínio indiscutível. Em seu ensaio sobre *A ação humana*, o pai do liberalismo econômico atual, Ludwing von Mises, concebe o homem como um incansável calculador de vantagens e interesses, não somente no âmbito do econômico, mas em todas as suas atividades e relações.”⁸

Além do mais, quando investigamos os valores mais profundos que passaram a seduzir as pessoas, na metamorfose mais ou menos abrupta causada pela chegada dos “tempos Modernos”, encontramos o filósofo Heidegger que, ao observar o Homem da Modernidade, dá-nos a entender que ele saiu de sua essência ou ameaça dela sair: ele esqueceu-se do ser, retirou-se da proximidade do ser, retirou-se do *si* – sua melhor *pátria*! Assim, afastou-se voluntariamente do Sagrado e mundanizou sua vida, inaugurando agora o império do ente, portanto das coisas, portanto das mágicas tecnológicas, enquanto ele próprio, por se dessacralizar, torna-se também um objeto, uma coisa, sujeita à valoração de mercado, à descartabilidade, cronológica ou ideológica, à obsolescência, pois já

⁷ Idem acima.

⁸ Idem acima, p. 82.

não tem uma “natureza”, nem humana nem divina, posto que coisas não têm *Natureza*, são apenas amontoados de átomos... Existe nos dias que correm até mesmo uma verdadeira e intensa aversão ao ser, algo que se pode perceber na clínica psicanalítica, as sociedades que assim se produzem hoje: “são determinadas a partir do âmbito técnico-econômico, animal ou bestial da existência. A atual globalização se dá pela desintegração da ‘ecônome’ cristã e pela reintegração dos povos na fase paroxística da história do esquecimento do ser, assimilação que, em vez de os elevar ao transcendente, verdadeiro, universal, os degrada e os animaliza ainda mais.”⁹ Fiou mais fácil, penso eu, compreender a expressão “homem tecnificado” e suas implicações: apartado de seu Ser, seduzido e maravilhado pelas mágicas tecnológicas, tecnificado e coisificado, individualizado ao máximo, reciprocamente estranhos em seu meio, desnorteados e incomunicáveis em sua vizinhança¹⁰.

Mas não carreguemos um tão potente sentimento de culpa: a uma dada altura realmente havia uma expectativa justa e muito razoável de que, com técnica e crescimento econômico, nós nos transformaríamos (para melhor) – a nós próprios, à sociedade, ao mundo em si. Ora, seja no caso de que nos transformaríamos para o desejado bem, ou outra coisa, o fato é que as “leis” da subjetivação seriam outras...

Comenta o padre Sáenz:

“É certo que, segundo o que dissemos mais acima, essas expectativas se chocaram com trágicas mentiras, mas, ainda

⁹ Carlos Alberto Sanches. *O esquecimento do ser e a ameaça tribalista do eclipse total*: https://www.youtube.com/watch?v=VsBI0ff8-L8&ab_channel=CarlosAlbertoSanches . (Acessado em 15/novembro/2023.)

¹⁰ Veja-se o tocante filme argentino *Medianeras*, do diretor Gustavo Taretto (no Brasil em setembro/2011) https://www.imdb.com/title/tt1235841/?ref=vp_vi_tt

assim, a ilusão inicial segue em pé, constituindo um dos temas essenciais do pensamento contemporâneo.”¹¹

E prossegue Alfredo Sáenz:

“Jean Daniélou se ocupou em revelar essa tentação sob dois de seus aspectos.

O primeiro é a *fé na consecução*, através da economia e da técnica, de uma *salvação, mas na terra*, ou seja, a possibilidade para o homem de encontrar neste mundo sua plena felicidade. Tratar-se-ia, assim, de um substituto da graça.

A segunda tentação a que alude Daniélou, ligada com o entusiasmo que suscita a técnica tal qual hoje é considerada, é a *fé no progresso*. (...) Não se trata, por certo, de negar as aquisições que as ciências nos aportam em todos os campos. Mas uma coisa é isso, e outra muito diferente é atribuir ao progresso material pretensões até hoje desconhecidas. É-nos dito que, graças a esse progresso, aparecerá um homem novo, uma cultura nova.”¹²

Ora, essa “cronolatria”, vale dizer, expectativa de que com o avanço do tempo (tudo) será melhor, não goza de qualquer base racional ou demonstrável, não passando de pura infantilidade:

“Não deixa de ser estranho, escreve C.S. Lewis, que o que outras sociedades chamavam ‘permanência’ hoje seja qualificado como ‘estancamento’, e que ‘o último’ na publicidade signifique sempre ‘o melhor’ na realidade. Em sua opinião, isso se deve a um conceito engrandecedor do devir histórico: ‘É a imagem das máquinas velhas substituídas por novas e melhores. Porque no mundo das máquinas, quase sempre o novo é realmente o melhor e o primitivo realmente é o rudimentar.’”¹³

¹¹ Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Editora CDB – Centro Dom Bosco, 2021. p. 82-3.

¹² Idem, p. 85.

¹³ Idem, p. 87.

E isso passou a acontecer conosco também, com a “maquina humana”, como dizem... E eis que, destarte, o ser humano, em termos de linha da História, recém introduziu mais um mito em seu panteão de Mitos:

“Sem dúvida que o mito do progresso é um dos dogmas mais indiscutíveis de nosso tempo. Fala-se de um ‘sentido da história’ que *a priori* vai por bom caminho. Os homens de hoje se assemelham àquele louco que corria o máximo que podia. Um transeunte o detém e pergunta: ‘Aonde vais?’. E aquele responde: ‘Não sei, mas vou rápido.’ Pensa-se na história como em um substituto da divindade ou da providência.”¹⁴

A família *Homos*

De *Homo sapiens* passamos a *Homo sapiens sapiens*. A família desde sempre cresceu continuamente.

Homo faber

Esse homem fabricante de coisas, de objetos, desde sua idade das cavernas até agora, acaba por prevalecer sobre o *sapiens*. Contudo, hoje, essa faceta fabricadora tende a prevalecer também sobre a própria inteligência, ou, noutras palavras, passa a haver tão somente uma inteligência fabricadora, e notável até. E emenda o padre Sáenz:

“Sobre tais pressupostos, o homem já não é medido pelo que é, mas por seu rendimento laboral: vale o que produz. Avaliar é valer, dar um preço.”¹⁵

Quando eu me distancio do *Ser* que sou, não perco unicamente tal ser e suas dimensões, o “pacote” da perda inclui ainda o auto respeito, a

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem, p. 89.

dignidade, o amor próprio, a civilidade, e seus desdobramentos psíquicos, como a segurança, a estabilidade, a aceitação de limites, etc. Quanto ao *outro*, à existência do outro, como destacaram Vera de Souza e Vera de Souza Placco: “(...) o auto respeito seria condição para se respeitar moralmente outra pessoa, ou seja, se não se respeita a si próprio também não se respeita o outro, o que confere ao auto-respeito um caráter indissociável no que concerne ao respeito ao outro.”¹⁶

Vamos a mais dos esclarecimentos de Alfredo Sáenz:

“Bem, escreveu Marcel em sua obra. *A decadência da sabedoria*: ‘o lado terrível do mundo que se constitui diante de nossos olhos é essa pretensão de pensar o superior a partir do inferior. Aqui, como em outras partes, triunfam as técnicas do aviltamento.

Nós nos habituamos a projetar essa mentalidade instrumental, de que algo vale o que rende ou o que custa, sobre toda a realidade. Não é raro que depois de uma conferência acerca da Santíssima Trindade, algum ouvinte pergunte: ‘E para que serve tudo isso?’ A única resposta possível é que ‘tudo isso’ não serve absolutamente para nada. Como não servem para nada o amor, a verdade ou a beleza. Em todos esses casos, não se trata de meios, mas de fins, embora não sejam fins últimos.”¹⁷

Homo technicus

Trata-se do avatar contemporâneo do *Homo faber*. O padre Sáenz cita o autor Joseph Folliet¹⁸ com seu livro *Adviento de Prometeo. Ensayo de sociología de nuestro tempo*, página 30 (Ediciones Criterio, 1954,

¹⁶ Vera Lucia Trevisan de Souza, Vera Maria Nigro de Souza Placco. O auto-respeito na escola. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. 135, p. 729-755, set./dez. 2008. <https://www.scielo.br/j/cp/a/T87CBTsqqbHc9tGW6TjBHQb/?format=pdf&lang=pt>. (Acessado em 5/dezembro/2023.)

¹⁷ Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Editora CDB – Centro Dom Bosco, 2021. p. 90.

¹⁸ Padre francês, nascido em 27/novembro/1903, em Lyon, França, e falecido em 13/novembro/1972, na mesma cidade, ativista católico, sociólogo e escritor.

Buenos Aires, 298 p. / Original francês: *L'Avènement de Prométhée: essai de sociologie de notre temps*, Lyon, La Chronique sociale, 1950.):

“*Homo technicus*, porque às técnicas deve sua formação, sua maneira de pensar e agir, sua cultura, sua concepção de vida; porque confia nas técnicas para resolver suas dúvidas, para organizar racionalmente qualquer atividade interior ou exterior, porque se reconhece devedor às técnicas de seu sustento, de seu conforto, de sua segurança, de tudo o que lhe confunde com a civilização.”¹⁹

Homo economicus

Para os economistas, o *Homo economicus* é necessário a fim de atender procedimentos científicos que propõem a fragmentação do objeto de pesquisa na investigação analítica. Eles entenderam que o estudo de nossas ações econômicas poderia ser realizado abstraindo-se as dimensões morais, éticas, religiosas, políticas, etc., do humano, e se fixaram nas duas funções elementares exercidas por todo e qualquer indivíduo: o consumo e a produção, não levando em consideração qualquer outra parte da vida de seres humanos reais. Assim, o *Homo economicus* é um pedaço do ser humano, fragmento, resto, a parcela que produz e consome somente, de acordo com “leis” derivadas da observação, tendo a evidência como único critério de verdade.²⁰

No entanto, parece que a ação e desdobramentos do modelo *Homo economicus* foi e tem sido desastrosa. O padre Alfredo Sáenz traz

¹⁹ Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Editora CDB – Centro Dom Bosco, 2021. p. 90.

²⁰ Ver: *Homo economicus*. Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homo_economicus . (Acessado em 2/12/2023.)

à discussão a oportuna autora Viviane Forrester²¹ e seu livro *O horror econômico*:

“O que nestas últimas décadas aconteceu (...) escreve, foi uma verdadeira revolução, não menos drástica por ter sido imperceptível, sem anúncios nem ideologias elaboradas, que se impôs silenciosamente mediante fatos consumados. Não foi possível nenhuma reação contra ela, porque quando se manifestou, já estava instaurada.

Contrariamente à prosperidade cuja difusão se esperava, o que se mundializou foi a miséria. Ou melhor, a técnica progrediu, mas as pessoas sofreram uma grande decadência econômica.”²²

Para Sáenz, que avança agudamente em suas reflexões:

“O trabalho, exaltado nos discursos, converteu-se em algo superado e arcaico, fonte de perdas financeiras. As ‘riquezas’ já não provêm do trabalho, como acontecia nas sociedades tradicionais, mas de especulações abstratas, sem maior relação com o labor produtivo. O capital tem o primado.”²³ (Grifos meus.)

E mais:

“Assinala Forrester como essa economia de mercado, mais que um poder, é a embriaguez do poder, um prazer delirante, demencial e inédito em torno dos lucros. ‘Nem sequer necessitam de sedes fixas. Quase não empregam pessoas, porque, em última instância, para melhorar os mercados virtuais bastam um ou vários telefones e computadores.’”²⁴

O padre Alfredo Sáenz, em seu citado (e aqui tão empregado) livro *O homem moderno*, além disso que até aqui utilizei, tem ainda mais munição de grosso calibre para demonstrar os desserviços com que o

²¹ Viviane FORRESTER. *O horror econômico*. [Trad.: Álvaro Lorencini.] São Paulo: Editora da UNESP, 2002. 154 p. <https://editoraunesp.com.br/catalogo/8571391475,o-horror-economico>

²² Padre Alfredo Sáenz. *O homem moderno*. Rio de Janeiro: Editora CDB – Centro Dom Bosco, 2021. p. 92.

²³ Idem acima, p. 93.

²⁴ Idem, p. 94.

projeto iluminista, ao lado de seus muitos acertos, nos brindou. Para todos nós que vivemos os tempos atuais (e a respeito deles cometemos a imprudência de pensar...), dúvidas parecem não restar de que o modelo, seja à direita seja à esquerda, falhou. Estabeleceu-se um divórcio absoluto entre discurso de intenções e prática de resultados, o descrédito se instalou soberano, a perplexidade tem produzido uma asfixia aguda. A Economia, majestade que é, frustrou-nos e, sabendo disso, resolveu esconder-se em dissimulações, pondo à frente de seus pensamentos e atos um batalhão de primeiros-ministros tão desencontrados ente si quanto os construtores da Torre de Babel.

Todavia, há aqueles – e são muitos! – concentrados hoje em encontrar alternativas possíveis; modelos outros de alguma viabilidade para serem testados. Vou visitar alguns.

2. Por que comunhão?

Outra maneira de pensar/desejar a questão da Economia, um modo alternativo, isto é, que se pode escolher, e mostra que a “economia do hipercapitalismo” não é uma sentença transitada em julgado, e que, muito pelo contrário, pode sim haver outra maneira de se pensar/agir no assunto, é a proposta, por exemplo, de uma *Economia de Comunhão* (EdC).

Comunhão, etimologicamente, procede do Latim *communio, onis*, comunidade, participação mútua, associação²⁵. A palavra *communio, communionis*, muito usada por Cícero, tem equivalente hoje em

²⁵ "Comunhão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023. <https://dicionario.priberam.org/comunh%C3%A3o>.

comunidade e, no latim eclesiástico, mais tardiamente, ingressa para denominar o sacramento de **compartir** o pão e o vinho, corpo e sangue de Cristo²⁶.

Desta forma, uma *Economia de Comunhão* é aquela que vem com o claro propósito de fazer compartilhar alguma coisa, mas o quê? Há de ser o lucro, o resultado líquido ou operacional daquilo que é feito; todavia isso, desde sempre, já tem sido assim, porém, a novidade que faz criar o termo, é que além dos proprietários e acionistas do próprio negócio econômico em questão, além da remuneração lucrativa para a própria empresa, àquilo que excedeu ao total de seus custos operacionais, surge um novo “credor” comunitário: a sociedade como tal. Explicações e detalhes bem mais competentes e extensos serão obtidos em:

- *Economia de Comunhão: Projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. Livro de Rui Costa, Vera Araújo, Adam Biela, Tommaso Sorgi, Benedetto Gui, Alberto Ferrucci, publicado em 1998, 2ª. edição, pela Cidade Nova, Vargem Grande Paulista, São Paulo.
- *Economia de Comunhão - Uma Cultura Econômica em Várias Dimensões*. Livro organizado por Luigino Bruni, com a colaboração de vários especialistas (Chiara Lubich, Vera Araújo, Alberto Ferrucci, Hans Burckhart, Mario Molteni, Benedetto Gui, Stefano Zamagni), publicado em 2002 pela Cidade Nova, Vargem Grande Paulista, São Paulo:
<https://www.cidadenova.org.br/livraria/produtos/192-economia-de-comunhao-uma-cultura-economi>

²⁶ DECEL. *Diccionario Etimológico Castellano*. <https://etimologias.dechile.net/?comunio.n>

- *Economia de comunhão: história e profecia*. Livro de Chiara Lubich, publicado em 2004 pela Cidade Nova, Vargem Grande Paulista, São Paulo: <https://www.cidadenova.org.br/livraria/produtos/189-economia-de-comunhao-historia-e-profecia>
- *Comunhão e as novas palavras em Economia*. Livro de Luigino Bruni (tradução José Eustáquio Rosa), 2ª. edição, publicado em 2011 pela Cidade Nova, Vargem Grande Paulista, São Paulo: <https://www.cidadenova.org.br/livraria/produtos/158-comunhao-e-as-novas-palavras>
- *Economia de Comunhão – responsabilidade social e bem comum*. Livro de Carlos Aurélio Mota de Souza, publicado em 2016 pela Cultor de Livros, São Paulo: www.cultordelivros.com.br
- *Economia de comunhão: Nicho ou novo paradigma?* Livro de Iracema Andréa Arantes da Cruz, publicado em 2020 pela Cidade Nova, Vargem Grande Paulista, São Paulo: <https://www.cidadenova.org.br/livraria/produtos/706-economia-de-comunhao-nicho-ou-novo-parad>
- EDC/ANPECON – Economia de Comunhão, Associação Nacional por uma Economia de Comunhão: <https://edc.com.br/quem-somos/#nossa-origem>
- Economia de Comunhão. <https://www.edc-online.org/br/>

Mas voltemos ao *Por que comunhão?* E para que fique logo precisamente claro, como uma tentativa de resposta final, tomo um trecho de Maurizio Gentilini referindo-se ao pensamento de Chiara no assunto:

“Foi uma reflexão orientada para descobrir os significados profundos da riqueza, da pobreza, do trabalho, em uma releitura à luz do relacionamento com Deus e com as pessoas, do amor recíproco que suscita a presença de Jesus no meio. Os bens adquirem seu valor por meio da reciprocidade e o amor

mútuo não deixa ninguém indigente. A comunhão e o dom recíproco criam a felicidade, um verdadeiro elemento ausente na lógica tradicional do mercado.”²⁷ (Grifo meu.)

Como sabem todos, desde longas datas a Igreja Católica e seus membros têm-se posicionado²⁸, por meio de documentos papais e outros, naquilo que concerne aos ganhos empresariais (ou pessoais, particulares) e ganhos sociais de uma dada atividade. Por exemplo, já em 1891 o Papa Leão XIII faz vir a público a seminal encíclica *Rerum Novarum*²⁹, que traz, em definitivo, a questão social (a condição dos operários) para o centro das preocupações da Igreja. Todavia, a fim de não alongar demais o texto³⁰,

²⁷ Maurizio Gentilini. *Chiara Lubich - A via da unidade, entre história e profecia*. [Trad. Edegar C. Vieira Jr.] Vargem Grande Paulista/SP: Ed. Cidade Nova, 2022. p. 347.

²⁸ São Tomás de Aquino (1225-1274) entendia que a sociedade econômica deveria praticar os princípios da justiça comutativa e distributiva. A primeira consiste em dar alguma coisa a alguém, numa proporção aritmética, enquanto a segunda diz respeito a dar alguma coisa a muitos. Para ele, o sistema econômico pode funcionar baseado na cooperação e no preço justo e o Estado só deve intervir em casos de absoluta necessidade. Ele não considerava a riqueza e a propriedade capazes de desequilibrar o sistema, por isso o interesse individual pode se subordinar ao coletivo. Conceituou o “preço justo”, que costuma ser o preço de mercado ou o regulamentado e suficiente para cobrir o custo de produção do vendedor. Ele argumentava que era imoral para os vendedores aumentarem os preços simplesmente por que os compradores estavam em algum momento precisando demais do produto. Seu pensamento condenava a avareza, a cobiça e qualquer prática que gerasse a desigualdade entre pessoas. Tal pensamento é profundo, extenso e até hoje nos influencia. [Tomás de Aquino. Suma Teológica. Questão 61: Das partes subjetivas da justiça. p. 2124 e seguintes. Download. disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. (Acessado em 25/01/2024.)]

São Bernardino de Siena (1380-1444) foi um sistematizador da economia escolástica. No “De contractibus et usuris” (*Sobre o contrato e a usura*), condena a usura e reflete sobre a justificação da propriedade privada, ética do comércio e determinação de valor e preço. Debruça-se sobre a função do empresário e defende seu trabalho honesto, o que pode resultar em benefícios para a sociedade, sendo quatro as virtudes necessárias para tanto: eficiência, responsabilidade, diligência e capacidade para assumir riscos. Ele condenava os novos-ricos, que não investiam em novos negócios, mas aplicavam seus lucros em empréstimos a juros altos, estagnando a sociedade, roubando-lhe o crescimento. Os agiotas, por razões evidentes, o denunciaram por heresia.

²⁹ A Santa Sé. CARTA ENCÍCLICA “RERUM NOVARUM” DO SUMO PONTÍFICE PAPA LEÃO XIII A TODOS OS NOSSOS VENERÁVEIS IRMÃOS, OS PATRIARCAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO ORBE CATÓLICO, EM GRAÇA E COMUNHÃO COM A SÉ APOSTÓLICA SOBRE A CONDIÇÃO DOS OPERÁRIOS. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.pdf. (Acessado em 15/10/2023.)

³⁰ No entanto, não sou forte o bastante para resistir à tentação de mencionar, ainda que de passagem, a conhecida “Economia de Salvação”, a qual, com o teólogo Ireneu de Lion, começará a criar corpo e definição no século III, encarando a história da Salvação que Deus nos outorgou. Digamos que essa Economia é parte da revelação divina na tradição cristã que desenvolve o entendimento da grande obra de criação feita por Deus e a gestão do mundo como tal, mais seu plano de salvação realizada através da Igreja. Matheus Jeske Vahl, estudando Santo Agostinho, comenta: “Isto significa, que enquanto ato

fiquemos apenas com a bem mais recente *Caritas in Veritati*³¹, encíclica do papa Bento XVI, que entende que o desenvolvimento se correlaciona com a vocação transcendente do ser humano e, por isso, o progresso deve vir em acordo com a dignidade humana, que prevalece:

“A vocação é um apelo que exige resposta livre e responsável. O desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos: nenhuma estrutura pode garantir tal desenvolvimento, prescindindo e sobrepondo-se à responsabilidade humana. Os ‘messianismos fascinantes, mas construtores de ilusões’ fundam sempre as próprias propostas na negação da dimensão transcendente do desenvolvimento, seguros de o terem inteiramente à sua disposição. Esta falsa segurança converte-se em fraqueza, porque implica a sujeição do homem, reduzido à categoria de meio para o desenvolvimento, enquanto a humildade de quem acolhe uma vocação se transforma em verdadeira autonomia, porque torna a pessoa livre. Paulo VI não tem dúvidas sobre a existência de obstáculos e condicionamentos que refreiam o desenvolvimento, mas está seguro também de que ‘cada um, sejam quais forem as influências que sobre ele se exerçam, permanece o artífice principal do seu êxito ou do seu fracasso’. Esta liberdade diz respeito não só ao desenvolvimento que usufruímos, mas também às situações de subdesenvolvimento,

caritativo de humildade que revela o modo de Ser de Deus, a encarnação não representa para Ele uma ‘perda’ ontológica, ao contrário, significa a realização mais própria de seu Ser, que é ‘doar ser para que os outros sejam’, em uma palavra – caritas, ou seja, na economia da salvação não é Deus que se rebaixa, mas o homem que é por Ele elevado da miséria do pecado para sua dignidade de ser. Sem a ação de Deus na história, o homem não teria acesso à verdade sobre a ordem do universo criado, não conseguiria dar o passo em direção à contemplação do Mistério da Trindade, ou seja, quando o homem fixando-se nas coisas sensíveis, fechou livremente sua alma à verdade, Deus trouxe-a para a sua história mediante a encarnação. Em síntese, nos explica Souza que ‘na interpretação agostiniana, enquanto por Deus Pai, o Filho já se encontrava no mundo e, enquanto nascido de Maria Virgem, veio ao mundo como enviado. O ser enviado, ou a missão do Filho de Deus, constitui-se na encarnação’”. [Ver: Matheus Jeske Vahl. *Santo Agostinho – Os Fundamentos Ontológicos do Agir*. [recurso eletrônico] Série Dissertatio Filosofia. Pelotas/RS, 2016. p. 99. (<https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2019/02/1-santo-agostinho.pdf>) No doar de si seu próprio ser para que os outros (Nós) possam SER também está não só a gênese da caridade e da solidariedade como toda e qualquer inspiração para diferentes formas de aplicação das “Ciências Econômicas”, que só podem ter ética e significado se nos asseguram um jogo ganha-ganha para todas as partes. É o caso... Na EdC, não há rebaixamentos, mas a empresa e suas lideranças “doam” (investem) solidariamente no todo, incluindo-se, a fim de que esse todo possa prosperar de modo harmônico e cooperativo.

³¹ *Caritas in Veritate* (Caridade em verdade) é a terceira encíclica do Papa Bento XVI, publicada no dia 7 de julho de 2009. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html

que não são fruto do acaso nem de uma necessidade histórica, mas dependem da responsabilidade humana. É por isso que ‘os povos da fome se dirigem hoje, de modo dramático, aos povos da opulência’. Também isto é vocação, um apelo que homens livres dirigem a homens livres em ordem a uma assunção comum de responsabilidade. Viva era, em Paulo VI, a percepção da importância das estruturas econômicas e das instituições, mas era igualmente clara nele a noção da sua natureza de instrumentos da liberdade humana. Somente se for livre é que o desenvolvimento pode ser integralmente humano; apenas num regime de liberdade responsável, pode crescer de maneira adequada.”³² (Parágrafo 17 da Encíclica / Grifos meus).

Segundo o Magistrado Carlos Aurelio Mota de Souza, em seu livro *Economia de Comunhão – Responsabilidade social e bem comum*:

“O eixo da Encíclica convida a superar a dicotomia entre a esfera econômica e a esfera social, características dos sistemas doutrinários e ideológicos do liberalismo e do socialismo. Para Bento XVI, princípios básicos da vida social como *solidariedade e fraternidade*, devem penetrar a economia, superando a lógica de acumular riqueza e depois distribuí-la, prática que ofende a dignidade das pessoas e não pode ser compensada *a posteriori*.”³³ (Grifo meu.)

Mais adiante, prossegue o mesmo autor, numa observação bastante notável:

“Na encíclica há um forte conceito de justiça, ao permitir a cada indivíduo (as partes) e a cada grupo social (o todo em seus respectivos níveis), a plena expressão de seu potencial e seus recursos. Nisso se justifica o princípio da *subsidiariedade*, pela qual se pode construir uma sociedade fraterna: solidariedade sem subsidiariedade torna-se assistencialismo ou dogmatismo

³² A Santa Sé. CARTA ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE DO SUMO PONTÍFICE BENTO XVI AOS BISPOS AOS PRESBITEROS E DIÁCONOS ÀS PESSOAS CONSAGRADAS AOS FIÉIS LEIGOS E A TODOS OS HOMENS DE BOA VONTADE SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL NA CARIDADE E NA VERDADE. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html . Acessado em 28/11/2023.

³³ Carlos Aurélio Mota de Souza. *Economia de Comunhão – responsabilidade social e bem comum*. São Paulo: Cultor de Livros, 2016. p. 83.

do Estado. Ademais, o princípio da subsidiariedade deve ser aplicado também a nível global.”³⁴

Finalmente, o citado autor frisa:

“Importante ressaltar o que diz *Caritas in Veritate* sobre as empresas no contexto econômico atual. A Encíclica incentiva a iniciativa e a liberdade empresarial, mas enfatiza o compromisso ético do empresário e da empresa com vistas ao *bem comum*. Critica a classificação entre empresas públicas e privadas, por desconsiderar as empresas sem fins lucrativos, as concebidas dentro da economia solidária³⁵ (como a Economia de Comunhão) e outras.”³⁶

Não é difícil de se constatar uma aproximação muito íntima entre tão notável documento do Papa (de 2009) e a filosofia/ideário daquilo que foi denominado de *Economia de Comunhão*, nascida das andanças, análises argutas e sentimentos humanitários da italiana Chiara Lubich³⁷.

Foi em 29 maio de 1991, no transcurso de uma visita ao Brasil, que ela (a mesma que fizesse surgir o *Movimento dos Focolares*³⁸) intuiu a necessidade de e nos ofereceu a idéia de uma *Economia de Comunhão*, com o propósito de responder ao drama da pobreza. Comenta Maurizio Gentilini

³⁴ Idem, p. 84.

³⁵ Luiz I. Gaiger diz que “O termo economia solidária ganhou expressão no Brasil ao longo dos anos de 1990, à medida que iniciativas econômicas despontaram no país, notabilizando-se e sendo reconhecidas por sua natureza associativa e suas práticas de cooperação e autogestão. Expandindo-se, a economia solidária veio a abranger categorias sociais e modalidades diversas de organização, tais como unidades informais de geração de renda, associações de produtores e consumidores, sistemas locais de troca, comunidades produtivas autóctones e cooperativas dedicadas à produção de bens, à prestação de serviços, à comercialização e ao crédito.” (Luiz I. Gaiger. *A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 28 n° 82: 211-228, junho/2013. <https://drive.google.com/file/d/1Kp3l2boycaZ1mW04uastJb6j5dnWOWQy/view> . Ver também: Unicopas – União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias: <https://unicopas.org.br/institucional/>

³⁶ Carlos Aurélio Mota de Souza. *Economia de Comunhão – responsabilidade social e bem comum*. São Paulo: Cultor de Livros, 2016. p. 85.

³⁷ Para conhecer mais detalhes da vida e da obra de Chiara Lubich, ver: Maurizio Gentilini. *Chiara Lubich - A via da unidade, entre história e profecia*. [Trad. Edegar C. Vieira Jr.] Vargem Grande Paulista/SP: Ed. Cidade Nova, 2022. 389 p. <https://www.cidadenova.org.br/livraria/produtos/4269-chiara-lubich-a-via-da-unidade-entre-his>

³⁸ Ver a página do Movimento dos Focolares, Brasil, em: <https://focolares.org.br/> .

que Chiara, ao ver a pobreza de nossas periferias enquanto se deslocava em São Paulo do aeroporto para a então Mariápolis Araceli, atual Mariápolis Ginetta, onde nasceu o projeto da EdC, experimentou “grande sofrimento e uma profunda convicção da necessidade de repensar os fundamentos da economia, liberando-a do domínio do mercado e encontrando formas alternativas de utilização da riqueza, reorganizando teorias e práticas econômicas com sistemas de produção que previssem formas de comunhão de bens.”³⁹

A tese da, atualmente consagrada, EdC (Economia de Comunhão) é a de que empresas, livremente, ou seja, voluntariamente, em decorrência de seus princípios de crenças e valores, disponham seu lucro em comunhão para que seja dividido em três partes, a fim de: (1) ajudar pessoas em dificuldades econômicas, (2) promover formação de pessoas segundo uma cultura da partilha, (3) custear o próprio desenvolvimento da empresa (gerencial, estratégico, tecnológico, etc.). É Chiara que nos diz:

“De fato, em toda pessoa nascida na terra, não obstante suas fraquezas, é conatural uma cultura mais voltada para doar do que para ter, pois ela é chamada precisamente a amar os seus semelhantes.

E é típica do Movimento dos Focolares justamente a chamada ‘cultura do dar’, que já desde o início se concretizou em uma comunhão de bens entre todos os membros e em consistentes obras sociais.

Além disso, o amor, a benevolência, vivida por um grande número de pessoas, torna-se recíproca, e assim floresce a solidariedade. Solidariedade essa que se pode manter viva

³⁹ Maurizio Gentilini. *Chiara Lubich - A via da unidade, entre história e profecia*. [Trad. Edegar C. Vieira Jr.] Vargem Grande Paulista/SP: Ed. Cidade Nova, 2022. p. 345.

somente fazendo calar o próprio egoísmo, enfrentando as dificuldades e sabendo superá-las.”⁴⁰

Mas a substância na qual se nutre esta possibilidade da EdC é a “cultura do dar”, em profunda e heróica oposição à cultura do ter (base de uma economia consumista), a qual, infelizmente, se tornou hegemônica entre nós. Está claro que uma mudança social no grau que aspiram a solidariedade e a comunhão, refletidas numa nova forma de economia, só é viável se existe um adequado embasamento cultural, teórico, social e, ousaria eu, psíquico, por detrás de tudo isso.

Ademais, acrescente-se também uma “cultura da unidade”. A respeito, Chiara ensina:

“Nasceu na Itália há pouco tempo, nesta Obra, o chamado Movimento da Unidade, no qual se propõe aos políticos que ponham em prática, como base de tudo, o amor recíproco, embora permanecendo nos diversos partidos, de modo a realizar a unidade, Portanto, que todos ajam, cristãos e não-cristãos, em primeiro lugar como verdadeiras pessoas que creêm nos valores profundos, eternos do ser humano, para depois serem militantes partidários.”⁴¹ (Grifo meu.)

Da mesma forma antes comentado, para a “experiência” se consolidar e prosperar, é necessário também uma condição psíquica que nos predisponha a reconhecer um agradável sentimento, o de unidade, o uno.

Como se pode ler em *Economia de Comunhão, Empreendedorismo e Inovação Social – A Economia de Comunhão na Liberdade (EdC) e sua*

⁴⁰ Chiara Lubich. A experiência Economia de Comunhão: da espiritualidade da Unidade, uma proposta de agir econômico. In: Luigino Bruno (organizador). *Economia de Comunhão – uma cultura econômica em várias dimensões*. Vargem Grande Paulista/SP: Cidade Nova, 2002. p. 14.

⁴¹ Idem. p. 15.

trajetória de 23 anos (na página web da PUC-São Paulo, Núcleo de Estudos do Futuro, Cátedra Ignacy Sachs):

“A Economia de Comunhão na Liberdade (EdC) é um novo paradigma que quer a humanização da economia e das organizações de trabalho. Reúne empresas (organizações) inseridas na economia de mercado, governadas não pela troca de equivalentes como defende a corrente utilitarista, mas pela reciprocidade e nesta, as transações não são separadas das identidades daqueles que as originaram e ainda, situam-se dentro de um modelo econômico humanizado, estimulador de comportamentos pró-sociais mais eficientes do que o atual.”⁴²

Todavia, sempre há o que pensar, questionar, investigar, debater e aprimorar. Isto posto, Maria Carvalho e Pedrinho Guareschi apresentaram, em 2009, uma reflexão crítica⁴³ a respeito do projeto da EdC. De acordo com os autores, no resumo de seu artigo: “Os resultados indicaram que, através de representações de origem religiosa (lucro como benção divina), de outras já sedimentadas pelo capitalismo (ex. lucro como fruto da competência empresarial) e de representações emergentes (ex. empresário como modelo de ética e competência) a EdC cumpre, ideologicamente, a função de legitimar as mudanças nas relações de trabalho requeridas pelos modelos flexíveis de gestão e suprimir as contradições e conflitos sociais à medida que apresenta o empresário como o grande pai, capaz de oferecer sustento, proteção e afeto a pobres e trabalhadores.” E, no tópico *Reflexões finais* do texto, acrescentam: “Portanto, a Economia de Comunhão constitui uma expressão da reestruturação do capitalismo, na qual a empresa é posta

⁴² [https://www5.pucsp.br/catedraignacysachs/economia-de-comunhao.html#:~:text=A%20Economia%20de%20Comunh%C3%A3o%20na%20Liberdade%20\(EdC\)%20%C3%A9%20um%20novo,e%20das%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalho](https://www5.pucsp.br/catedraignacysachs/economia-de-comunhao.html#:~:text=A%20Economia%20de%20Comunh%C3%A3o%20na%20Liberdade%20(EdC)%20%C3%A9%20um%20novo,e%20das%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalho)

⁴³ CARVALHO, Maria L., GUARESCHI, Pedrinho. Economia de Comunhão: responsabilidade social, ideologia e representações sociais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (1): 88-101, 2009. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Xh8mmmTdW6htDpww9378FDH/?lang=pt>

como centro da sociedade, capaz de produzir riqueza e, ao mesmo tempo, de combater a pobreza, bem como é apresentada como a grande família, capaz de oferecer sustento, proteção e afeto aos trabalhadores e pobres. Tais práticas reforçam a passividade social e mantêm as relações de dominação, embora sejam dissimuladas por práticas paternalistas e assistencialistas.” E arrematam que a construção de uma economia alternativa implica na necessidade “(...) de distinguir as possibilidades e deficiências dos projetos apresentados bem como de identificar aqueles que, por detrás de ‘boas Intenções’, continuam a repetir a lógica capitalista. Sendo assim, se os empresários da EdC pretendem construir uma economia capaz de concretizar a comunhão, faz-se necessário, inicialmente, que sejam capazes de assumir as limitações e as contradições que a mesma possui.”

Anos depois, em 2022, vamos encontrar no livro *O grão de areia e o céu estrelado – lições que aprendi com Chiara Lubich*, de Saad Zogheib Sobrinho, uma espécie de interlocução para as considerações do artigo antes referido:

“E quando Chiara vem ao Brasil, em 1991, todos esperam uma resposta. (...) Enfim, naqueles dias de escuta, de intervenções, de intensidade espiritual únicas, ela anuncia uma novidade. (...) a Economia de Comunhão na Liberdade (EdC), na qual, justamente em uma síntese genial, eleva a dimensão da justiça e, ao mesmo tempo, da liberdade na economia, como grande resposta aos desafios sociais da contemporaneidade: partilhar os lucros para debelar a pobreza, formar homens novos, qualificar os pequenos empreendimentos, redistribuir com equidade os bens da terra, as riquezas. Enfim, construir um mundo que não conhecesse desigualdades sociais, sem, todavia, sacrificar a liberdade.”⁴⁴ (Grifos meus.)

⁴⁴ Saad Zogheib Sobrinho. *O grão de areia e o céu estrelado – lições que aprendi com Chiara Lubich*. Vargem Grande Paulista / SP: Editora Cidade Nova, 2022. p. 85-86.

E pouco mais adiante leremos o que talvez seja o xeque-mate para a discussão:

“Nos encontros com os ‘novos empresários’ desse projeto, Chiara e Ginetta⁴⁵ acompanhavam as suas apresentações. Ginetta, com grande suspensão, retomou uma questão crucial, dizendo a Chiara que ‘sem homens novos é impossível qualquer mudança’. (...) E Chiara, responde, ‘Ginetta, o que nós fizemos até agora, senão propor a conversão das pessoas? Mas como podemos saber se houve uma verdadeira conversão, se persistem as desigualdades, tanto sofrimentos?’ E em seguida repropõe o que fizera alguns anos antes com os membros do Movimento Gen: ‘Mudar os homens para mudar as estruturas, e mudar as estruturas para mudar os homens’, em uma permanente circularidade e resultados que se retroalimentavam.”⁴⁶ (Grifos meus.)

Viver é manter a esperança. E o que impede uma nova economia, como essa antes apontada? Se faltam os humanos adequados para tal fazer, que sejam produzidos, pensados, ensinados, doutrinados de maneira sadia e competente, por pais, família, escolas e sociedade. Se faltam as estruturas, sejam elas planejadas, implantadas, testadas e retroalimentadas por seus currículos de acertos e erros. Com isso, como os idealizadores, os entusiastas e os empresários da EdC “pretendem construir uma economia capaz de concretizar a comunhão, faz-se necessário, inicialmente, que sejam capazes de assumir as limitações e as contradições que a mesma

⁴⁵ “Ginetta Calliari nasceu em Trento (Itália), em 15 de outubro de 1918. Em 1944, Ginetta conheceu Chiara Lubich, e participou com ela e outras jovens de uma experiência que começaria a se chamar Movimento dos Focolares. Deparando-se com o desaparecimento de todos os seus sonhos diante da destruição provocada pela Segunda Guerra Mundial, decidiram dedicar-se a suprir as necessidades daqueles que mais sofriam. Entenderam assim que o amor a Deus, o qual havia se tornado seu grande ideal, só poderia existir através do amor ao próximo. E assim se iniciou o uso de um caderno, no qual se anotava, de um lado, tudo o que se recebia, e do outro, as necessidades. Este foi um dos primeiros sinais da fé carismática de Ginetta. Ela traduzia em vida radical sua fé total no Evangelho.” (Movimento dos Focolares: <https://focolares.org.br/simposio-recorda-testemunho-de-ginetta-calliari-precursora-do-movimento-dos-focolares/> . (Acesso em 23/dez/2023).

⁴⁶ Saad Zogheib Sobrinho. *O grão de areia e o céu estrelado – lições que aprendi com Chiara Lubich*. Vargem Grande Paulista / SP: Editora Cidade Nova, 2022., p.86-87.

possui”, para que desde o início – e desde sempre – ela seja continuamente revista, atualizada e aprimorada, objetivando os melhores resultados possíveis, sem, jamais, a perda da liberdade, da justiça, do enaltecimento, garantidas a participação e a inclusão.

E como um bom arremate, posto que tudo quanto é feito pensadamente no planeta Terra o é pelo homem, e o homem possui seu subjetivismo que se não exagerado, mal formado ou mal conduzido, poderá ser muito proveitoso em benefício de todos, reflita-se sobre o que Beatriz Villardi, Sergio Leitão e Deise Marques escreveram no excelente artigo *Economia de comunhão e aprendizagem: uma perspectiva epistêmica*⁴⁷:

“No subjetivismo a pessoa pode ver a verdade incluindo a si mesma (interpretativismo e humanismo radical), enquanto no objetivismo ela só a descobrirá fora de si (funcionalismo e estruturalismo radical). O subjetivismo vê o ser humano como gerador de processos sociais por meio de relações intersubjetivas, ideológicas e socioculturais, estabelecidas de modo voluntarista (não-determinista), pois se considera capaz de construir (e ser construído) nas suas relações interpessoais e ambientais. No projeto de EdC o subjetivismo penetra o transcendente, ante a forte presença de princípios espirituais.”

É o homem que fará diferença: o ser humano dotado de vontade, de razão e de subjetivismo em proporções apropriadas. Se ele se desviar dessa ideal formulação, formulação perfeitamente viável, resultarão desvios de opressão, de exploração, de exageros, de conveniências, de segregação, e mentiras e insensibilidade e destruição.

3. Uma psicanálise para os agentes de novas economias

⁴⁷ Beatriz Quiroz Villardi, Sergio Proença Leitão, Deise Marques. Economia de comunhão e aprendizagem: uma perspectiva epistêmica. *Rev. Adm. Pública* (RAP, Rio de Janeiro, 41 (5): 835-61, Set./ • Out. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122007000500003>. (Acessado em 10/dez/2023.)

Como entra nisso a Psicanálise?

A permanente perda de referências objetivas

Vamos transitar com o *Homo sapiens (sapiens)* por alguns quilômetros recentes de sua linha do tempo, ou seja, desde próximo da modernidade até o agora em que nos encontramos nessa pós-modernidade não só dissolvida, como dissoluta...

A uma dada altura contestaram alguns, com muita sabedoria, se tudo ia bem ou não na vida das sociedades (sobretudo as européias). Pouco a pouco concluíram que, para melhor, modificações precisavam ser feitas. Como o assunto é enciclopédico, fico apenas com alguns pontos.

Assim, comecemos por discutir o processo de *descentramento* do homem (que é exatamente tirar do centro, no sentido de tirar do foco, diminuir sua relevância), que autores fixam como sendo cinco⁴⁸:

1. Tese marxista: os homens só fazem história a partir de condições que lhes são previamente dadas. Portanto, indivíduos isolados não são capazes de qualquer construção histórica. (Trata-se de um pensamento que vicejou no século XIX, mas foi fortemente reinterpretado na década de 1960.)
2. Descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. O *cogito* cartesiano é fortemente solapado pelo pensamento de autores freudianos que, baseados na leitura lacaniana, edificam o sujeito que “pensa onde não existe e existe onde não pensa”. A alusão de Jacques Lacan é claramente ao sujeito do inconsciente, que não

⁴⁸ Stuart Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. [Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro.] 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p.34-46. Pdf disponível em: <https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com-identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf>. (Acessado em 10/out/2023.)

domina suas ações ou seus pensamentos pela consciência. (Fins do século XIX, primeira metade do séc. XX – produção da obra freudiana e pós-freudiana.)

3. Relacionado a Ferdinand de Saussure, para quem “a língua é um sistema social, não um sistema individual”; o indivíduo falante nunca pode fixar um significado de forma final, isto é, ele próprio não domina os efeitos de sentido de sua fala e, por extensão, nem mesmo de sua identidade; e a Jacques Derrida, com o desconstrutivismo. (Segunda metade do século XIX e primeira do século XX.)
4. Já em pleno século XX, Michel Foucault, desenvolvendo seu estudo sobre o poder disciplinar, entendeu que as novas instituições disciplinam as populações modernas e todas as dimensões humanas caem sob o rígido controle de tais instituições, como a do poder médico, por exemplo. (A tese foucaultiana nos remete à lembrança d’*O panóptico*, de Jeremy Benthan...)
5. E também em pleno bojo do século XX, o inegável e poderoso impacto do feminismo. De seus pontos de descentramento, talvez o mais importante seja que tais movimentos (como o feminismo) favoreceram o enfraquecimento e o fim da classe política e das organizações políticas de massa a ela associadas, levando vários movimentos sociais à fragmentação. Desse modo, cada um desses movimentos passa a apelar para a identidade social de seus componentes.

Essa perda da sua posição central abalou o ser humano e o tem abalado. Aliás, a bem da verdade, tal desmoronamento começa um pouco antes até, com as chamadas três grandes feridas no narcisismo humano:

1. Copérnico, século XVI (menção também a Galileu), introduz a tese do Heliocentrismo, a qual prevalece contra a do Geocentrismo: deixamos de ser, com nosso planeta Terra, o centro do Universo e fomos descentrados para uma periferia distante.
2. Darwin, 1859, com a publicação de *A Origem das Espécies – por meio da Seleção Natural (ou Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida)* lança contra a teoria do Criacionismo a do Evolucionismo, que se impõe no meio científico.
3. Freud, com toda sua obra (em particular, veja-se *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*⁴⁹ – 1917) demonstra a existência do *Inconsciente*, nos recônditos da mente humana, ao qual temos muito pouco ou nenhum acesso, mas que, no entanto, exerce um comando significativo sobre nossas vontades, desejos e, portanto, decisões. O racional sob o irracional...

Temos aí uma sequência de três verdadeiros *golpes de estado* contra nosso orgulho: primeiro, o golpe cosmológico; depois, o golpe biológico e a perda de sua natureza divina; e terceiro, o golpe psicológico. Deixemo-nos guiar pelas palavras do próprio Freud:

“(c) O terceiro golpe, que é de natureza psicológica, talvez seja o que mais fere.

⁴⁹ FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

Embora assim humilhado nas suas relações externas⁵⁰, o homem sente-se superior dentro da própria mente. Em algum lugar do núcleo do seu ego, desenvolveu um órgão de observação a fim de manter-se atento aos seus impulsos e ações e verificar se se harmonizam com as exigências do ego. Se não se harmonizam, esses impulsos e ações são impiedosamente inibidos e afastados. Sua percepção interna, a consciência, dá ao ego notícias de todas as ocorrências importantes nas operações mentais, e a vontade, dirigida por essas informações, executa o que o ego ordena e modifica tudo aquilo que procura realizar-se espontaneamente. Isso porque a mente não é uma coisa simples; ao contrário, é uma hierarquia de instâncias superiores e subordinadas, um labirinto de impulsos que se esforçam, independentemente um do outro, no sentido da ação, correspondentes à multiplicidade de instintos e de relações com o mundo externo, muitos dos quais antagônicos e incompatíveis. Para um funcionamento adequado, é necessário que a mais elevada dessas instâncias tenha conhecimento de tudo o que está acontecendo, e que sua vontade penetre em tudo, de modo que possa exercer sua influência. E, com efeito, o ego sente-se seguro quanto à integridade e fidedignidade das informações que recebe, bem como quanto à abertura dos canais através dos quais impõe suas ordens.

Em determinadas doenças — incluindo as próprias neuroses (...) —, as coisas são diferentes. O ego sente-se apreensivo; rebelase contra os limites de poder em sua própria casa, a mente. Os pensamentos emergem de súbito, sem que se saiba de onde vêm, nem se possa fazer algo para afastá-los. Esses estranhos hóspedes parecem até ser mais poderosos do que os pensamentos que estão sob o comando do ego. Resistem a todas as medidas de coação utilizadas pela vontade, não se deixam mover pela refutação lógica e não são afetados pelas afirmações contraditórias da realidade. Ou então os impulsos surgem, parecendo como que os de um estranho, de modo que o ego os rejeita; mas, ainda assim, os teme e toma precauções contra eles. O ego diz para consigo: 'Isto é uma doença, uma invasão estrangeira.' Aumenta sua vigilância, mas não pode compreender por que se sente tão estranhamente paralisado.

⁵⁰ Referência aos outros dois golpes. É que mesmo assim, tínhamos ainda...

‘Todo o processo, no entanto, só se torna possível pela circunstância única de que você está equivocado também em um outro ponto importante. Sente-se seguro de que está informado de tudo o que se passa em sua mente, se tem qualquer importância, porque nesse caso, crê você, sua consciência dá-lhe notícia disso. E se você não tem informação de algo que ocorre em sua mente, presume, confiante, que tal coisa não existe. Na verdade, você chega a considerar o que é “mental” como idêntico ao que é “consciente” — isto é, aquilo que é conhecido por você —, apesar da mais óbvia evidência de que muito mais coisas devem acontecer em sua mente, do que aquelas que chegam à sua consciência. Vamos, deixe que lhe ensinam algo sobre esse problema! O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas. Normalmente, admito, a inteligência que alcança a sua consciência é suficiente para as suas necessidades; e você pode nutrir a ilusão de que fica sabendo de todas as coisas importantes. Em alguns casos, porém, como no de um conflito instintual como o que descrevi, a função da sua inteligência falha e sua vontade, então, não se estende para mais além do seu conhecimento. Em todo caso, contudo, a informação que alcança sua consciência é incompleta e muitas vezes não é de minha confiança. Com freqüência, também, acontece que você só obtém informação dos eventos quando eles acabaram e quando você nada mais pode fazer para modificá-los. Mesmo se você não está doente, quem poderá dizer tudo o que está agitando sua mente, coisas que você não sabe ou das quais tem falsas informações? Você se comporta como um governante absoluto, que se contenta com as informações fornecidas pelos seus altos funcionários e jamais se mistura com o povo para ouvir a sua voz. Volte seus olhos para dentro, contemple suas próprias profundezas, aprenda primeiro a conhecer-se! Então, compreenderá por que está destinado a ficar doente e, talvez, evite adoecer no futuro.’

É assim que a psicanálise tem procurado educar o ego. Essas duas descobertas — a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas

e de pouca confiança —, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa. Juntas, representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe psicológico. Não é de espantar, então, que o ego não veja com bons olhos a psicanálise e se recuse obstinadamente a acreditar nela.” (Grifos meus.)

Apesar de longa a citação, era necessário fazê-la, tal a contundência e a clareza didática do próprio autor. Resumo (derrotista?) dessa ópera quase tragicômica: NÃO estamos no centro do Universo, como um nobre príncipe em seu trono de ouro; NÃO somos seres superiores aos animais do planeta, pelo suposto que teríamos merecido uma criação particularmente especial; NÃO temos o total controle de nossa mente e ações (aliás, nem somos capazes de saber tudo o que ebule em nossa mente, de onde vem...); e, fazendo o acréscimo ao texto de Freud dos antes referidos cinco descentramentos, NÃO sou capaz de, sozinho ou com outros, fazer história por minha/nossa própria conta; NÃO sou dono de minha própria língua, e ainda que a fale fico sempre a mercê de seu significado dado desde fora, o que faz periclitare minha identidade; NÃO condiciono ou disciplino nem minha condição humana, posto que isso agora é-nos feito pelo poder disciplinador das fortes instituições atuais; NÃO percebo mais nem mesmo uma tênue visão de unicidade das sociedades, tal o explosivo grau de sua fragmentação e da de seus componentes. Deixei de poder ser um todo e de ter clareza em qual é meu lugar...

Com relação ao senso identitário do sujeito contemporâneo, pós-moderno, claro está que ficou enormemente solapado, uma vez que é cada vez mais difícil encontrarmos referências, encontrarmos espelhos ou substância amalgamante de pertencimento. A sensação é de que ficamos à deriva e a imagem perfeita é aquela do astronauta que saiu da nave para

algum reparo externo e seu “cordão umbilical”, por acidente, se despreendeu da nave-mãe: ele deixou de ser, e essa nova realidade lhe é fatal.

Ficamos desgrudados, despregados, de algo que havia e nos foi subtraído. Quando se anunciou o “Deus está morto”⁵¹, não perdemos com isso somente nossa sacra ascendência, nosso quantum de sagrado, nossa perspectiva de uma futura paz na vida celestial, etc., perdemos mais ainda: perdemos a figura do Pai, mas o pai de todos e meu pai em particular; perdemos a linhagem, perdemos a tradição, ficamos órfãos, ou, pior ainda, resultamos bastardos: se não descendemos de Deus por um ato seu de Criação, de quem descendemos então? Não sabemos, daí essa noção/sensação de bastardia que passou a nos sombrear; daí nossa tendência de romper tradições, porque não as temos mais, já que nos tornamos nulos de origem; daí nosso ímpeto iconoclasta, nossa pulsão de agressividade e destrutividade contra instituições tradicionais: queremos refazer tudo, sem o conseguir; queremos refundar discursos, sem ter palavras; enfim, cada um de nós se torna sua própria ancestralidade, pouca e frouxa, e se torna sua S/A (ou melhor, tenta isso).

E daí a epidêmica crise da “falta de sentido”, “falta de propósito”, que diariamente se percebe no convívio social e, sobretudo, na clínica psicanalítica. Convêm as palavras de Helder Pereira:

“Mais do que isso: o descentramento do sujeito deve ser entendido não como algo que se buscou e se quis, mas como crise. A mais importante talvez seja a crise das identidades. No chamado mundo pós-moderno, não há mais um ponto

⁵¹ Dentre outras fontes, tal afirmação, muito identificada com o pensador Nietzsche, aparece em: Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra - Um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018. 360 p. (<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535930481/assim-falou-zaratustra>) No Prólogo, último parágrafo do tópico 2, assim se lê: “Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que Deus está morto!’ ”.

referencial em torno do qual o sujeito gravita e se constitui firme, mas vários pontos referenciais que não trazem segurança, pelo menos não do ponto de vista anterior, cuja significação era justamente a de uma firmeza estática. Bem mais que o culto ao efêmero, a pós-modernidade deve ser entendida como tempo crítico do homem e de seus referenciais de centro.”⁵²

A subjetividade

A Modernidade traz-nos uma nova atitude, um humanismo moderno, uma intenção humanista. Se Sócrates, tempos antes de Cristo, havia trazido o homem para o centro da Filosofia, com Descartes sobrevém uma filosofia baseada na unidade da razão, alicerce para construção de uma outra visão do mundo. A razão, o homem racional, estabelece, assim, um verdadeiro império ao qual nada pode mais escapar. Não há autoridade externa à razão e seu método de trabalho, de pensar. Noutras palavras, a razão se torna autônoma. Mas com o *Cogito*, Descartes traz também, sub-repticiamente, a subjetividade: eu (o sujeito), eu penso, por isso, logo, sou, existo. A primeira parte do enunciado, o *eu penso*, está inteiramente nos domínios do sujeito, enquanto a segunda e conclusiva parte, o *logo sou ou existo*, está no registro do tempo. Penso com a subjetividade do meu pensamento. O professor e filósofo Franklin Leopoldo e Silva⁵³ nos ensina que “a subjetividade é a primeira grande descoberta do pensamento moderno”, o que implicará na recusa da aceitação das verdades adquiridas (verdades reveladas): o Eu é, agora, a fonte provedora de verdades. A conjunção de

⁵² Helder Rodrigues Pereira. A crise da identidade na cultura pós-moderna. *Mental*, Ano 2, n. 2, Barbacena/MG, jun. 2004. p. 87-98. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n2/v2n2a07.pdf>. (Acessado em 20/set/2023.)

⁵³ Franklin Leopoldo e Silva. Uma reflexão sobre o pensamento moderno. Ver Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=79Gj16r9-yg&t=1165s>.

posse e exercício da razão com a subjetividade humana fomentará a ocorrência de uma mudança paradigmática da posição do homem na vida e no mundo, com a vinda de um mundo laico, comandado pelo homem, submetido à autoridade da razão e isto é o que se pode pensar como o humanismo moderno.

Mas há uma armadilha nisso tudo, no sentido de que a razão que se liberta e é libertadora, reconhecerá seus próprios limites na metafísica da subjetividade e do eu... Ela não conseguirá entender nem explicar esse *EU!* Será esta uma tarefa exequível.

O fato é que, a despeito do esforço dos filósofos da Era Moderna, a posse e exercício da razão como que foram perdendo prestígio e parecem hoje restritas a certos grupos em particular (como cientistas, outros filósofos, etc.). O grosso da população (incluindo aí boa parte da imprensa, da mídia, das classes políticas, empresariais, estudantes, etc.) está a se mudar da objetividade de uma razão exigente e vigorosa, a se mudar das verdades e da “episteme”, para outro reino, o da “doxa”⁵⁴: opinativo segundo os critérios subjetivos de cada qual.

Então, em que pese o anteriormente apontado descentramento do sujeito e os severos ataques ao narcisismo do Eu, a subjetividade, sugerida pelo cartesianismo e introduzida pela modernidade, perdurou e está aqui conosco, mais sólida do que nunca, MAS, ao mesmo tempo, completamente desnorteada. Sim, a subjetividade não só resistiu e sobreviveu, mas assumiu ares de autoridade, passando a ditar normas, como a de ser “normal” legalizar o que é de *sua* ordem, a de ser normal o imperativo do gozo, etc.

⁵⁴ *Doxa*, palavra do grego antigo com sentido de crença comum ou opinião popular. Os retóricos gregos a empregavam como ferramenta para formação de argumentos através de opiniões comuns; a *doxa* (em oposição ao saber verdadeiro, episteme) foi usada pelos sofistas para persuadir as pessoas.

Examine-se o que escreveu Conrado Ramos⁵⁵:

“O imperativo categórico perde também sua aparência espiritual e autônoma para se transformar num ‘dever gozar’. Numa forma por demais simplista, mas significativa: a ideologia perde a razão e alcança o corpo. Assim sendo, a definição mais elementar de Marx sobre a ideologia – ‘disso eles não sabem, mas o fazem’ (Zizek, 1996, p. 312) –, deve dirigir-se não à consciência (posto que ‘sabem’ da ideologia), mas à dimensão na qual o corpo se inscreve na cultura, qual seja, a da pulsão e do gozo: o ‘disso’ de que ‘eles não sabem’ é que ‘gozam a ideologia’ por meio da sustentação social de suas neuroses e da afirmação objetiva de suas alienações narcísicas. O que leva um consumidor compulsivo a agir, mesmo sabendo de todas as implicações políticas de suas ações, é um dever gozar que lhe atravessa na forma alienada do ‘amor à Lei’, e disso ele não sabe. A questão da adaptação ideológica do particular à totalidade precisa alcançar seu gozo antes de responder se sua consciência é cínica, alienada ou esclarecida. A crítica ideológica decorrente não deve, assim, limitar-se à razão, mas precisa atingir as fixações alienantes do sujeito, suas posições de gozo, lá onde a teoria social não pode alcançá-lo e precisa cada vez mais da psicanálise.” (Grifos meus.)

Como eu raciocinava, ainda resta um Eu, e, nele, sua subjetividade, seu mundo de “doxas” erigidas em verdades, suas novas crenças, sua submissão ao gozo, um sujeito do gozo aqui e agora. Flávia Oliveira e Tânia Santos dizem que:

“A clínica contemporânea nos confronta com sujeitos sujeitados a imposições maciças do gozo. As fixações pulsionais compõem, muitas vezes, livres do ocultamento fantasmático no inconsciente. Prevalece um tipo de laço com o Outro que remonta às modalidades mais arcaicas de relação do eu com o objeto. Diante deste cenário, interrogamos qual seria o estatuto do fantasma hoje. Nosso fio condutor será a hipótese de um rebaixamento da eficácia simbólica da autoridade paterna em

⁵⁵ Conrado Ramos. Consumismo e gozo: uma compreensão de ideologia entre T.W. Adorno e J. Lacan. *Psicol. USP*, São Paulo, 19 (2), Jun 2008, 19(2): 199-212. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000200006>. (Acessado em 10/nov/2923.)

conter o egoísmo pulsional que se manifesta na radicalização dos apelos ao gozo ilimitado. A gramática fantasmática é um anteparo simbólico-imaginário que permite interpretar a posição libidinal de cada um diante do real do desejo do Outro. O desmentido da função do pai como agente da castração, engendra um sujeito voraz, cuja debilidade do eu resulta em alterações psicóticas do caráter.⁵⁶ (Grifos meus.)

Ainda de acordo com o mesmo artigo:

“Existe uma relação entre o progresso da ciência, a era dos direitos e a reivindicação de ser tratado como exceção.

À medida que a ciência assegura a transposição de antigos limites, cresce a potência da demanda de usufruir de satisfações inéditas. O campo do direito, desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), não cessa de promover o direito ao desejo de cada um, muitas vezes em detrimento do direito de todos. A velha máxima – a liberdade de cada um termina onde começa a do outro – está francamente caduca.”⁵⁷ (Grifos meus.)

A exacerbação total da subjetividade e dos próprios direitos (seja de dentro para fora: culto ao corpo nas suas diferentes formas, seja de fora para dentro: mídia, marketing, publicidade, autoajuda, políticas, prêmios, etc.), sem qualquer forma de limite, acarreta uma intensa e desmedida idealização do desejo, isto é, de suas qualidade e realização (imediata) , e, com isso, uma expectativa crescente e interminável de que aquilo “um dia” acontecerá, expectativa que se converte em afeto incômodo na medida em que não é (sempre) alcançada. Disso advém uma frustração despótica e incontrolável, como que definitiva, pela insuficiência de prazer (de gozo), que poderá encontrar a saída final no suicídio. Essa aparente contradição

⁵⁶ Flávia L.G. Oliveira, Tânia C. Santos A lógica do fantasma na passagem da modernidade à contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 18 n. 3: 932-952, 2018. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000300012. (Acessado em 12/nov/2023.)

⁵⁷ Idem acima.

(entre imperativo de gozar e falta de gozo) de fato não o é: a insuficiência de gozo é-nos permanente, provocada pela insaciabilidade do desejo, uma característica pulsional nossa. Por outro lado, a pós-modernidade decretou o imperativo da satisfação; do gozo (Lacan); a ditadura do prazer: a exacerbação da subjetividade e seus direitos nos conduziu a um excesso de gozo (permitido), que, no entanto, não sacia o desejo de prazer, e essa dinâmica acaba por exaurir o sujeito física e mentalmente, condenando-o ao cansaço e ao tédio (e lembremo-nos de Pascal, que nos disse algo como: só se entedia quem se diverte).⁵⁸

Essa distopia do *prazer-sempre-e-mais*, inconsequentemente sem limites, sob todas as formas, que exacerba o individualismo, o egoísmo, o solipsismo, o consumismo; uma quase psicose que me incita: “eu mereço, eu mereço!, por que não?, o mundo me deve isso!”, atua como um ácido corrosivo no já esgarçado tecido social e cega por completo a débil luz que ainda poderia fazer com que o outro fosse visto. Resumindo: se é precária nos tempos de agora a subjetivação, a subjetividade se faz exacerbada... E tal subjetividade fora de controles, numa dose francamente excessiva, projeta seu manto tóxico e desagregador sobre a sociedade: “eu tenho opiniões sobre tudo, eu tenho direito de vociferar essas opiniões, os outros devem me ouvir, e não há ninguém que tenha algo a me ensinar!”

Reforço minha percepção com trecho de um artigo de Elzilaine Mendes, Terezinha Viana, Olivier Bara⁵⁹:

⁵⁸ Ver Byung-Chul Han. *Sociedade do cansaço*. São Paulo: Editora Vozes, 2015. 136 p. <https://www.livrariavozes.com.br/sociedadedocansaco8532649963/p> e Esquizofrenia Natural: La dictadura del placer - Un mundo feliz. <https://www.youtube.com/watch?v=wTEhCS8q2YQ&t=53s>

⁵⁹ Elzilaine Domingues Mendes, Terezinha de Camargo Viana, Olivier Bara. Melancolia e Depressão: um estudo Psicanalítico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Out-Dez 2014, Vol. 30 n. 4, p. 423-431. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37DZD4n/abstract/?lang=pt>. (Acessado em 30/out/2023.)

“Concluimos que a psicanálise se constitui como um discurso importante na compreensão dos problemas sociais e culturais da sociedade contemporânea. Quando Freud criou a psicanálise prevaleciam valores fundamentados em grandes ideais e que privilegiavam a coletividade. A figura paterna ocupava um lugar central, o que de certa forma regulava o desejo e dava um mínimo de conforto ao indivíduo. Já na nossa condição de vida pós-moderna constatamos a crise da paternidade, o que facilita a proliferação da cultura do narcisismo, com um investimento no individualismo, na competitividade e no consumo. Na contemporaneidade constatamos uma precariedade na constituição do superego. Não existem mais leis capazes de frearem o desejo do ser humano. Nossa sociedade padece da falta de limites que culmina no aumento da violência não apenas nas classes menos abastadas, mas nas famílias ditas ‘normais’”. (Grifos meus.)

Vê-se, com bastante frequência, na prática da clínica psicanalítica na atualidade, essa preocupante situação de caos que tenho descrito nas linhas anteriores, com suas repercussões desestabilizantes e/ou patológicas. Como bem comenta Fernando Urribarri: “A clínica contemporânea nos coloca em face do mal-estar na (des)subjetivação. Na cultura do narcisismo o corpo vira um território da guerra entre paixões de vida e paixões de morte. Consequentemente, o pensamento clínico do afeto é um dos eixos imprescindíveis para exploração e a expansão da potência criativa do analista...”⁶⁰ (Grifo meu.) Segundo refere o mesmo autor, a clínica do mal-estar contemporâneo passa pelos afetos de estranheza, vergonha e pânico.

⁶⁰ Fernando Urribarri. O pensamento Clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, V. 46, n. 3: 47-64, 2012. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v46n3/v46n3a05.pdf>. (Acessado em 27/out/2023.)

Pois bem, Chiara Lubich preconizou a máxima “Mudar os homens para mudar as estruturas, e mudar as estruturas para mudar os homens”, em uma permanente circularidade.⁶¹

Tarefa nem um pouco fácil a de se querer mudar o homem dessa pós-modernidade, com sua subjetivação tida como precária e suas atitudes pouco amistosas para consigo e para com o outro.

A religião pode ser um caminho, por certo: os Evangelhos são sempre o mesmo foro superlativo e único de ensinamento e catequese, permanentemente à disposição. Os carismas são dons que facultam ao ser humano que crê, atuar de acordo com disposições superiores no exercício e prática do bem próprio e coletivo.

A filosofia tem muito no que colaborar, desde muito cedo, mas quero citar um filósofo em particular, Emmanuel Levinas, e seu enorme e denodado trabalho de nos ensinar e convencer a mudar o eixo de toda a tradição filosófica, desde Sócrates centrado no homem e no *Eu*, para o *Outro*, a alteridade: o outro sendo o centro do grande e interminável exercício filosófico de compreensão e explicação da vida. A pessoa que tem ao outro como prioridade de sua filosofia prática é um *Novo Ser*, capaz de encetar corajosamente a mudança do homem à qual se referia Chiara Lubich, provavelmente até mesmo e melhor, noutro viés, do que o próprio “ubershman” (além homem) a que se referia Nietzsche.

A psicanálise, por seu turno, dispõe hoje de um imenso acervo teórico e clínico com inúmeros elementos capazes de nos questionar e orientar em direção à constituição de um psiquismo que nos faculte mais saúde pessoal

⁶¹ Ver também “Ginetta Calliari: fé e coragem”: <https://www.focolare.org/pt/2013/03/04/portugues-ginetta-calliari-fe-e-coragem/>

e mais intercolaboração. Nesta oportunidade quero escolher o tema do narcisismo para explorar tal possibilidade.

Narcisismo

De início faço uma diferenciação mínima entre as palavras narcisismo, egoísmo e egocentrismo. Embora na linguagem cotidiana tais palavras, todas frequentemente empregadas com conotação pejorativa, pareçam uma sinonímia, são, de fato, de significados distintos. O narcisismo será por mim bastante discutido adiante; egoísmo denota o interesse (quase) exclusivo que o ego tem por si próprio; egocentrismo quer-se referir ao modo de ser ou agir do egocêntrico, vale dizer, aquele que toma a si – e só a si – como referência para tudo. Caberia ainda ser aqui lembrado um outro termo, que, embora menos utilizado no dia a dia que os três anteriores, é bastante importante e talvez guarde com a palavra (o significante...) *narcisismo* mais conexões e imbricamentos do que se poderia imaginar. Trata-se da palavra **vaidade** (*vanitas* no berço latino), uma manifestação muito típica e comum do sentir-pensar-agir-humano, quase sempre bem pouco elogiável e prejudicial (também) a outrem, tão afiadamente dissecada pelo filósofo paulista Matias Aires, já em 1752⁶², e que merece um texto próprio...

⁶² Matias Aires. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004. 240 p. Disponível gratuitamente no Domínio Público: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002989.pdf>

E por valer muito a pena, dadas as profundas conexões com o tema aqui enfocado, leiam-se:

Reflexão 7 – página 36

“Todas as paixões têm um tempo certo em que começam, e em que acabam: algumas são incompatíveis entre si, por isso para nascerem umas é preciso, que acabem outras. O ódio, e o amor nascem conosco, e muitas vêzes se encontram em um mesmo coração, e a respeito do mesmo objeto. A liberdade, a ambição, e a avareza, são ordinariamente incompatíveis; manifestam-se em certa idade, ou ao menos então adquirem maior força. Não sei se diga, que as paixões são umas espécies de viventes, que moram em nós, cuja vida, e existência, semelhantes à nossa, também têm um tempo certo, e limitado; e assim vivem, e

Os descaminhos do mundo atual, em todas as esferas, têm sido apontados e analisados por inúmeros autores, filósofos, antropólogos, sociólogos, religiosos, jornalistas, etc., e seria longo e desnecessário (para minha pretensão) querer relacioná-los aqui. Citarei apenas duas menções.

A primeira de cunho religioso e moral, bastante categórica. Em 18 de abril de 2005, uma segunda-feira, o então Cardeal Joseph Ratzinger (depois Papa Bento XVI), decano do Colégio Cardinalício, na Santa Missa «Pro Eligendo Romano Pontifice», pronunciou uma marcante Homilia, na qual, a certa altura, bem alertou:

“Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar ‘aqui e além por qualquer vento de doutrina’, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. **Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.**”⁶³ (Negrito meu.)

acabam em nós, da mesma forma que nós vivemos no mundo, e acabamos nêle. Com tôdas as paixões se une a vaidade; a muitas serve de origem principal; nasce com tôdas elas, e é a última, que acaba: a mesma humildade, com ser uma virtude oposta, também costuma nascer de vaidade; e com efeito são menos os humildes por virtude, do que os humildes por vaidade; e ainda dos que são verdadeiramente humildes, é raro o que é insensível ao respeito, e ao desprêzo, e nisto se vê, que a vaidade exercita o seu poder, ainda donde parece, que o não tem.”

E Reflexão 22 – página 47

“Há vários termos no progresso da nossa vaidade: esta no primeiro estado da inocência vive em nós como oculta, e escondida: o tempo faz que ela se mova, e se dilate: semelhante às aves, que nascem tôdas sem penas, ainda que tôdas em si trazem a matéria delas. A nossa alma está disposta para receber, e concentrar em si as impressões da vaidade; esta, que insensivelmente se forma, do que vemos, do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós, é imperceptível, da mesma sorte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das águas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem dissera, que aquilo, o que nos devia defender do mal, é o mesmo que nos conduz a êle, e nos precipita! Tôdas as paixões dão conosco passos iguais no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter ódio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, é também quando em nós começa a aparecer o entendimento; por isso a emenda da vaidade é tão difícil, porque é êrro em que o entendimento tem parte de algum modo.”

⁶³ Documento na íntegra em: https://www.vatican.va/gpll/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html . (Acessado em 29/jan/2024.)

A segunda, quando, em 1979, nos Estados Unidos, surge o livro de Christopher Lasch, *A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes* (que só agora, tardiamente, 2023, aparece no mercado brasileiro). Nele, o autor chama a atenção ao fato de que as clássicas neuroses do início do século XX, que, de certo modo, alavancaram o aparecimento da Psicanálise, cederam seu lugar no mapa patológico das doenças do psiquismo a uma forma acentuada e generalizada de individualismo (como o individualismo do bem-estar, o culto a imagem, ao corpo, o consumismo, etc.), de busca pelo sucesso pessoal (ou, digo eu, do discurso do sucesso pessoal) e de reverência ao dinheiro, com a consequente quebra de vínculos entre as pessoas e os grupos (o que interessa muito a certas ideologias). O nome que hoje se tem utilizado para designar o fenômeno é: sociedade narcísica, ou – a era do narcisismo. A partir de Lasch, e por seu desbravamento e incitação, um grande número de pesquisas e obras abordando a questão de uma narcisação cada vez maior e mais vasta das sociedades tem aparecido e nem sempre com boas notícias⁶⁴ Bem, é sobre isso que me debruçarei.

A primeira vez que se empregou a palavra narcisismo, no sentido de um aspecto de saúde humana, foi em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), ao reportar um tipo de fetichismo em que o indivíduo toma a si próprio como objeto sexual⁶⁵. Mais adiante outras ocorrências são referidas.

⁶⁴ Christopher Lasch. *A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes*. (EUA – 1979) [Tradução: Bruno Cobalchini Mattos.] São Paulo: Fósforo Editora, 2023. 416 p. <https://www.fosforoeditora.com.br/catalogo/a-cultura-do-narcisismo-a-vida-americana-em-uma-era-de-expectativas-decrescentes/>

⁶⁵ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

Quando se fala em “narcisismo” a maior parte de nós logo pensa no mito grego de Narciso. Pode-se entender que o mito acaba por conferir uma conotação patológica ao narcisismo.

A respeito dessa questão, Ernesto Duvidovich faz três instigantes e “enigmatizantes” perguntas⁶⁶: “O narcisismo é uma patologia? É do nosso tempo? O que é o nosso tempo?” E ele próprio responde: “O narcisismo não é uma patologia. O narcisismo não é do nosso tempo (‘nosso tempo’ como metáfora da cultura contemporânea, do nosso momento histórico)”. A palavra “narcisismo” ganhou hoje um largo uso na linguagem diária das pessoas e da mídia, pretendendo qualificar negativamente a pessoa, aquela que volta seus interesses como que exclusivamente para si própria, desconectando-se do outro. Duvidovich recomenda máximo cuidado com a adjetivação do termo, advertindo inclusive para o risco da idéia popular do uso da palavra passar para o ambiente científico ou acadêmico. Freud reutiliza o conceito de Havelock Ellis (veremos adiante), “não o prolonga, o reutiliza dentro de um outro campo conceitual, se produz um corte. Freud des-patologiza o conceito, como, aliás, é comum a todo projeto Freudiano, revelar o normal a partir do estudo do patológico”⁶⁷. Duvidovich propõe então a estratégia de que se “despatologize” o narcisismo, até mesmo para o caso de se “compreender suas possíveis patologias”⁶⁸. Por fim, Duvidovich ressalta “que o narcisismo não é patológico, muito pelo contrário, é tão necessário para o próprio processo de subjetivação do sujeito que a falta dele – no sentido adjetivado – é tão prejudicial ao sujeito quanto sua sobra”

⁶⁶ Ernesto Duvidovich. *Narcisismo – Uma Patologia do Nosso Tempo*. Sedes: Terceiro Encontro Reich no Sedes – 15/09/90.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

e que “não é do nosso tempo (...), senão tão velho quanto o primeiro ser humano...”⁶⁹ Todavia, apenas para aquecer um debate, vale registrar que a poderosa Associação Americana de Psiquiatria, em seu *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), classifica o narcisismo como *Transtorno de personalidade narcisista*.⁷⁰

O narcisismo é um tipo especial de relação com a sexualidade. É um agente protetor do psiquismo, bem como um integrador da imagem corporal; ele investe o corpo e lhe dá dimensões, proporções e (a chance de) uma identidade, um (seu) Eu, e vai mais além do autoerotismo, estabelecendo a integração de uma figura positiva, distinta do outro. Destarte, não devemos olhar o narcisismo como uma patologia: ele é da constituição do sujeito e só poderá se transformar – ou causar – uma patologia se em excesso (questão de doses...). Mas podemos dizer que o narcisismo é o “arroz-com-feijão” da clínica psicanalítica.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria I. C. Nascimento et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al.]. – 5ª. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 669:

Transtorno da Personalidade Narcisista

Critérios Diagnósticos 301.81 (F60.81)

Um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância (p. ex., exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes).
2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.
3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada.
4. Demanda admiração excessiva.
5. Apresenta um sentimento de possuir direitos (i.e., expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas).
6. É explorador em relações interpessoais (i.e., tira vantagem de outros para atingir os próprios fins).
7. Carece de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros.
8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam.
9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes.

Como curiosidade, aponte-se que a palavra “narcisista” aparece 63 vezes no referido manual de transtornos.

Hoje, no senso comum, como se antecipou, a palavra narcisismo qualifica negativamente uma pessoa. Dizer que aquela pessoa é narcisista ou narcísica a desmerece, da mesma forma como se diz que tal pessoa é egoísta (aliás, por vezes esse dois termos são confundidos). Naquele senso, a palavra narcisista pode remeter a: crítica, estranheza, terror, loucura.

O narcisismo tem a ver com a construção de uma imagem e, também, de certo modo, com a loucura (psicose). Em *Garfield, o filme*⁷¹ (2004), um gato narcisista e egoísta diverte as pessoas, levando-as ao riso. Talvez isso se dê porque Garfield, apesar de narcisista (sádico), agrada os espectadores pois, inteligentemente, o ditador aproximou (identificou) o gato a um bebê.

Assim, sublinho, o narcisismo faz parte da constituição de cada um de nós; e somente a fixação nesse estágio do desenvolvimento ou suas formas excessivas pertencem à patologia.

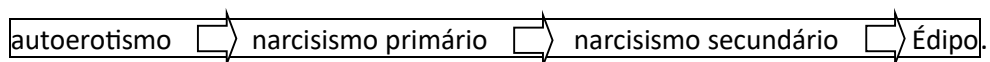
Sabemos, da lenda grega, que o jovem e belo Narciso fica preso à própria imagem. Trata-se de uma metáfora do cotidiano, em que o ser humano se percebe e se distingue com qualidades elevadas como inteligência, beleza, etc. E, por certo, essa imagem que a pessoa constrói de/para si confere-lhe existência: a pessoa passa a se reconhecer na imagem que vai construindo. Todavia, a busca pela imagem ideal pode também levar a pessoa (criança) a uma escolha (visão) de ser a vítima, o

⁷¹ *Garfield - O Filme* (em inglês *Garfield: The Movie*) – comédia norte-americana baseada no personagem das histórias em quadrinho *Garfield*, produzida pela 20th Century Fox em 2004. O filme foi estrelado por Breckin Meyer, Jennifer Love Hewitt, Stephen Tobolowsky e Bill Murray, e dirigido por Peter Hewitt. Uma sequência intitulada *Garfield 2* foi lançada em 2006. A vida não podia ser melhor para Garfield. Pelo menos melhor do que ele está. Sentado na sua poltrona e comendo seu prato favorito, a lasanha. Sua vida estava boa até Jon ter trazido para casa o Odie, uma criatura alegre e ofegante e... odiável: um cão! Motivado pelo ciúme, Garfield tranca Odie para fora; Odie escapa de casa e é raptado pelo Doutor Feliz. Sentindo-se responsável pelo sumiço do cachorro, o gato vai até a "Torre do Telégrafo" para tentar salvar o amigo canino. E Garfield passa por uma grande aventura para salvá-lo...
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Garfield - O Filme](http://pt.wikipedia.org/wiki/Garfield_-_O_Filme)

nada, a “merda”. A criança pequena, até aos 3 anos, em média, não sabe abstrair, não sabe relativizar. Isso só passará a acontecer após tal idade. No entanto, tudo se forma no psiquismo da criança – o ego – até seus três anos.

Oscar Wilde, em seu clássico romance (mais de uma vez filmado) *O retrato de Dorian Gray*, associa o elevado grau de narcisismo de Dorian ao seu pacto de não-envelhecimento (não perda da beleza física). Em outro livro, *O discípulo*, Wilde constrói uma versão da lenda de Narciso. Alguém (narcisista) vê nos olhos do outro a própria beleza refletida (então não está olhando *para* o outro, mas para si próprio por intermédio do outro).

A evolução do narcisismo na pessoa e sua posição da cadeia de construção do sujeito seriam assim representadas:



A primeira alusão de cunho patológico (comportamento perverso) registrada ao mito de Narciso, data de 1898 e é de Havelock Ellis⁷² (relativamente a mulheres cativadas por sua própria imagem no espelho). A segunda, é do criminologista Paul Näcke⁷³, que, em 1899, introduz o termo no idioma alemão e no campo da psiquiatria, e é citado por Freud logo no parágrafo inicial de seu icônico texto:

Sobre o narcisismo – uma Introdução (1914).

Sigmund Freud e o narcisismo

⁷² Henry Havelock Ellis (1859-1939), médico, psicólogo e sexólogo britânico, A ele se credita haver introduzido as noções de narcisismo e autoerotismo, depois adotadas pela psicanálise. Todavia, como pensador contemporâneo progressista, ele apoiou a eugenia e foi presidente do Instituto Galton.

⁷³ Paul Näcke (1851-1913), psiquiatra e criminologista alemão, introduziu na psicologia o conceito de narcisismo (1899). Publicou estudos sobre a homossexualidade. Influenciado por Magnus Hirschfeld, desenvolveu o conceito de homossexualidade como uma doença. Seu conceito de narcisismo teria influenciado Sigmund Freud.

O terceiro a usar o termo foi Freud. Pela primeira vez isso se deu numa nota de rodapé acrescentada em 1910 à segunda edição de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1909): refletindo a respeito do tipo de escolha dos homossexuais “Freud escreveu que eles ‘tomam a si mesmos como objetos sexuais’ e, ‘partindo do narcisismo, procuram rapazes semelhantes à sua própria pessoa, a quem querem amar tal como sua mãe os amou’ ”⁷⁴. Ernest Jones (seu biógrafo oficial) conta que em reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, a 10 de novembro de 1909, Freud mencionara que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal.

Em 1910, no ensaio *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud fez uma consideração mais ampla ao narcisismo, e, em 1911, no estudo sobre o caso Schreber, Freud considerou o narcisismo um estágio normal da evolução sexual. Também em *Totem e Tabu* (1912-1913) Freud faz menção ao narcisismo.

Por fim, em 1914 Freud apresenta ***Sobre o narcisismo – uma introdução*** (1914)⁷⁵, um de seus mais importantes trabalhos e considerado um marco na evolução de seus pensamentos. Delimita-se o início da passagem da *Primeira Tópica* (1900 – *Interpretação dos Sonhos*, cap. 7, Consciente; Pré-consciente; Inconsciente) para a *Segunda Tópica* (1923 – *O ego e o Id*, Id; Ego; Superego – a qual não substitui a *Primeira*, mas a complementa) e da primeira para a segunda teoria das pulsões. Freud confere um *status de conceito* ao narcisismo e o caracteriza como

⁷⁴ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

⁷⁵ Sigmund Freud. *Sobre o narcisismo – uma introdução*. (1914) p. 38 e seguintes. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. [Obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIV – 1914-1916.] Rio de Janeiro: Imago, 1996.

complemento libidinal da pulsão de autoconservação, o que traz importantes implicações, como a constituição de uma subjetividade única, vale dizer, de um *Eu*. O narcisismo passa a ocupar lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano.

No texto em foco e conforme Roudinesco e Plon, “a observação do delírio de grandeza no psicótico levou Freud a definir o narcisismo como a atitude resultante da transposição, para o eu do sujeito, dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo externo. Freud observou então que esse movimento de retirada só pode produzir-se num segundo tempo, este precedido de um investimento dos objetos externos por uma libido proveniente do eu. Assim, podemos falar de um narcisismo primário, infantil, que a observação das crianças, bem como a dos ‘povos primitivos’, ambos caracterizados por sua crença na magia das palavras e na onipotência do pensamento, viria confirmar. O narcisismo primário diria respeito à criança e à escolha que ela faz de sua pessoa como objeto de amor, numa etapa precedente à plena capacidade de se voltar para objetos externos.”⁷⁶

Para Freud, o homem vive um permanente conflito entre pulsões antagônicas em seu interior. Na primeira teoria das pulsões temos o antagonismo entre a Pulsão Sexual (libido) e a Pulsão de conservação ou do Eu. Na segunda, há uma oposição entre a Pulsão de Vida e a Pulsão de Morte. Freud aponta uma diferenciação permanente e simultânea entre “libido do eu” e “libido objetal” (se uma enriquece a outra empobrece... “Nessa perspectiva, a libido de objeto, em seu desenvolvimento máximo, caracteriza o estado amoroso, ao passo que, inversamente, em sua

⁷⁶ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

expansão máxima, a libido do eu fundamenta a fantasia do fim do mundo no paranóico”⁷⁷); e introduz os conceitos de “ideal do ego” e do *agente auto observador*, base do que veio a ser descrito como superego em *O Eu e o Isso* (1923). Freud retira o narcisismo de figurar apenas no estatuto da doença. Ele dirá que o narcisismo – necessário – faz parte da constituição normal de cada um de nós e, repita-se, só se torna uma doença se houver uma fixação nessa fase ou um excesso do mesmo:

“O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado — que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades. Desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo, exibindo, conseqüentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões.

Observadores psicanalíticos foram subseqüentemente surpreendidos pelo fato de que aspectos individuais da atitude narcisista são encontrados em muitas pessoas que sofrem de outras perturbações — por exemplo, conforme Sadger ressaltou, em homossexuais —, e finalmente afigurou-se provável que uma localização da libido que merecesse ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano. Dificuldades do trabalho psicanalítico em neuróticos conduziram à mesma suposição, pois parecia que, neles, essa espécie de atitude narcisista constituía um dos limites à sua susceptibilidade à influência. O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, **mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de**

⁷⁷ Idem.

autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.”⁷⁸ (Negrito meu.)

As neuroses narcísicas (denominação dada por Freud) colocam para ele a questão de uma libidinização do eu, o que o faz reagrupar as pulsões (a pulsão como um limite entre o psíquico e o somático). Recorde-se que nas psicoses o eu está muito libidinizado. Na evolução da primeira para a segunda teoria das pulsões, tínhamos uma soma da pulsão sexual com a pulsão do eu originando a pulsão de vida.

Em *Sobre o narcisismo – uma introdução*, três pontos merecem destaque:

1. Para Freud, o ego não existe inicialmente, isto é, não o temos ao nascer tal qual ele existirá depois, porque ele vai se constituindo progressivamente.
2. Um dos principais meios de acesso ao narcisismo é a análise da hipocondria. O hipocondríaco retira o interesse e a (sua) libido (dos objetos) do mundo exterior e as concentra num órgão de seu corpo que prende sua atenção. A hipocondria, assim como a doença orgânica, manifesta-se primeiro em sensações corporais aflitivas e dolorosas possuindo o mesmo efeito que a doença orgânica. A megalomania também é algo dessa ordem, só que no domínio psíquico. O megalomaniaco só valoriza a ele próprio e tira todo o valor das demais pessoas⁷⁹.
3. A questão do narcisismo primário e do narcisismo secundário.

⁷⁸ Sigmund Freud. *Sobre o narcisismo – uma introdução*. (1914) p. 40. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. [Obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIV – 1914-1916.] Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁷⁹ Hipocondria & Megalomania...

Entende Freud que os pais têm forte participação na formação do narcisismo primário dos filhos, ao projetarem neles seus desejos narcísicos e o que gostariam de fazer/ter feito. Poderia ser dito que no filho ocorre o encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o renascente dos pais. Nesse encontro vão-se inscrever as imagens e as palavras dos pais. O bebê é considerado, como diz Freud – *Sua majestade o bebê!* Assim, o filho é o que restou do narcisismo dos pais. Somos um produto (seja mal/bem feito seja mal/bem acabado) desse resto narcísico. Esse desejo narcísico em Édipo será sempre reeditado. Surgirá e ressurgirá das cinzas. Lembrar que no mito de Narciso, ele morre mas renasce na forma da bela flor do lago, o *narciso*.

O neurótico é aquele que foi “narcizado”. O psicótico também, mas ele ocupou um lugar diferente e ficou “parado” no eu ideal. É esse desejo dos outros que nos referencia – seja para seguir tal desejo seja para discordar.

A criança, que, por sua própria idade e constituição, se encontra em posição de desamparo (material, emocional), não tem alternativa a não ser entrar no desejo do outro, assumir o desejo do outro ou, na falta deste, perecer. O desejo narcísico de perfeita sutura – de perfeita coincidência com o desejo do outro – de total supressão das excitações, conduz ao trágico destino de uma paralisia total, mortal. Felizmente, a castração pode (deve) surgir para causar uma ferida narcísica – uma fenda, e tirar a criança do eu ideal. O sujeito frente a isso se coloca em marcha, ainda que seja para buscar uma mágica e mítica atadura. É essa a etapa que a psicose não conhece. Pretendendo-se esquivar da ferida, perde-se a possibilidade de se

colocar em marcha (“Verwerfung” – forclusão⁸⁰). A psicose não conhecerá este processo. No fundo, a psicose é uma particular manifestação do narcisismo. Freud a chamou de neurose narcísica. Na psicose, tudo está fechado – desejo de ser complemento da mãe. A cena fálica é: EU SOU. Não havia furo no desejo da mãe. É justamente a ausência do pai no desejo materno o que se observa na construção da psicose. Na psicose (do filho) a mãe pariu um corpo mas não pariu um desejo. Desejo é sempre desejo de outra coisa.

O desenvolvimento do ego consiste no afastamento do narcisismo primário, mas ocorre sempre uma tentativa para recuperar esse estágio. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido para um *Ideal do Ego* por imposição externa.

No narcisismo primário o bebê vai se desenvolvendo e deixa de lado o autoerotismo, começando a investir a libido (que é proveniente das pulsões sexuais) nos objetos ao seu redor. Freud adverte que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que dele cuida – o que implicou em cogitar de um narcisismo primário em todos, e este, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal. Ele entende que o encanto de uma criança está em grande parte em seu narcisismo, seu autocontentamento e inacessibilidade. Para ele, o desenvolvimento do ego ocorre por meio de um afastamento do narcisismo primário, todavia, como se disse, dará margem a uma poderosa

⁸⁰ Conforme pode ser lido à página 245 do *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco e Plon:

Conceito forjado por Jacques Lacan para designar um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Quando essa rejeição se produz, o significante é forcluído. Não é integrado no inconsciente, como no recalque, e retorna sob forma alucinatória no real do sujeito. No Brasil também se usam “forclusão”, “repúdio”, “rejeição” e “preclusão”.

Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

tentativa de recuperação desse estado. O afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um *ideal do ego* imposto, repito, de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.

O texto freudiano demonstra como se sai do autoerotismo para as questões objetais, ou seja, para relações em que há libido. No narcisismo a libido objetal é um movimento do pulsional: o Eu passa a ser objeto do libidinal tanto quanto os outros objetos. O investimento no próprio Eu só foi possível a partir do contato do bebê com seus pais, ou criadores. Seria a partir da relação com os criadores que o bebê “percebe” o próprio narcisismo deles. O Eu começa a se constituir como um reservatório pulsional; ele recebe e dele partem investimentos pulsionais.

Freud, quando do desenvolvimento da segunda Tópica, retoma a discussão da localização do narcisismo primário, situado então como o primeiro estágio da vida — antes da formação do eu —, característico de um tempo em que o eu e o *isso* (Inconsciente) são indiferenciados, e cuja representação concreta pode ser pensada sob a forma da vida intrauterina: “Como assinalam Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, essa nova formulação teve por conseqüência apagar qualquer distinção entre o autoerotismo e o narcisismo, e ‘é difícil discernir, do ponto de vista tópico, o que é investido no narcisismo primário entendido dessa maneira’ ”⁸¹.

Enfim, com o conceito de narcisismo, Freud propôs a constituição do ego (eu) a partir de ser ele o objeto da pulsão. O narcisismo seria o momento organizador das pulsões parciais, permitindo a passagem do autoerotismo para o investimento libidinal de um objeto exterior

⁸¹ Sigmund Freud. *Sobre o narcisismo – uma introdução*. (1914) p. 40. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. [Obras completas de Sigmund Freud, Vol. XIV – 1914-1916.] Rio de Janeiro: Imago, 1996.

O Complexo de Castração “destronará” o narcisismo primário, forçando o reconhecimento (benéfico) de uma incompletude, o que contudo, re-motivará o desejo de se recuperar a “perfeição” narcisista. Depois da perda do narcisismo primário, todos os relacionamentos posteriores do adulto sempre guardarão um traço dele.

Com André Green, em *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*⁸², investiga-se a questão do complexo da mãe morta. “A mãe morta (emocionalmente nesse estado, não necessariamente falecida de modo concreto) é definida como um ‘complexo transferencial’ que reconstrói hipoteticamente a relação da criança pequena, ainda muito dependente do olhar materno, mas bruscamente ‘desinvestida’ devido ao afastamento afetivo por parte da figura materna. Esse acontecimento incompreensível para a criança transforma brutalmente o objeto vivo, fonte da vitalidade, em figura distante, átona, quase inanimada, e põe fim a momentos felizes de sua infância.”⁸³

A questão do não investimento emocional é crítica porque é somente quando o outro (mãe) investe o bebê com amor que o processo do narcisismo primário pode, então, se iniciar. A separação das imagens, do bebê e da mãe, abre um “buraco” e faz do ser (de cada um de nós) um sujeito desejante. O desenvolvimento da linguagem é o estratagema para o alívio do impacto da separação das imagens e pode se transformar na ponte para reconstruir a união. Ainda quanto à separação, foi dito que “o ser humano tem que ser castrado para ser neurótico”. Caso isso não ocorra o resultado poderá ser pior, porque poderá se originar a psicose. No início, a

⁸² André Green. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. [Tradução: Claudia Berliner.] São Paulo: Editora Escuta, 1988. 302 p.

⁸³ Talya S. Candi. *A síndrome da mãe morta*. Blog de Psicanálise. Sociedade Brasileira de Psicanálise/SP. <https://www.sbpsp.org.br/blog/sindrome-da-mae-morta/> (Acessado em 29/jan./2024.)

constituição do Eu é fusional, isto é, não é possível a vida separada do outro (separada da mãe), o mesmo que depois acontecerá no quadro do adulto apaixonado.

Para se criar é preciso espaço, é preciso separar. Ficar colado ao outro implica a criação de um peso a ser carregado. Para criar o Eu, inicialmente precisamos do outro (a mãe), mas para avançar eu preciso me separar. O aparelho psíquico tem a função de regular as excitações vindas da libido sexual, isto porque há um limite que se pode suportar e a excitação permanente se transforma em desprazer. A princípio, o Eu é um Eu corporal; as excitações estão ocorrendo no corpo e o bebê precisa de algum recurso que controle isso – esse recurso é o desenvolvimento do aparelho psíquico.

A passagem do narcisismo primário para a relação objetal precisa ser suportada, no sentido de suportar a separação. Não há como investir em um outro sem ter um “quezinho” de si nesse outro.

Na melancolia – e nos estados graves de depressão – há um rebaixamento do valor do Eu por ele mesmo e uma separação do mundo externo. Mas a depreciação que o sujeito se impõe diz mais respeito às pessoas que estavam ao lado dele e é a queixa de perder o “si” que ele havia posto nos objetos (outros). A escolha do objeto de amor do melancólico é uma escolha narcísica.

Assim, quando digo que a dor da perda de um ente (muito) querido é também a dor da perda de referência de minha história, de mim-na-minha-história (um pouco de minha história morreu junto com ele), o que de fato está havendo aí é uma dor narcísica da perda do “si” que se havia colocado (transferido, *catexiado*) nesse outro. Então, a dor não é da perda do outro, mas da perda do si mesmo que estava no outro (que morreu, por

exemplo) e que me atestava. Logo, pode-se pensar que quanto mais uma pessoa chora e demonstra a dor pela perda daquele seu ente querido, de certa forma mais ela está pranteando a si mesma num apogeu de perda narcísica.

Narcisismo secundário

É o narcisismo do qual se fala com conotação patológica, e está ligado às perversões, às psicoses, mas nasce bem lá atrás, na constituição do Eu. Sua definição é mais simples do que a do narcisismo primário, e sua concepção não foi abalada dentro da teoria freudiana pelo advento da segunda tópica.

Com seu texto *Mais-além do princípio de prazer*, Freud vem a “abandonar cada vez mais esse conceito, cuja ausência convém assinalarmos no *Esboço de psicanálise*”⁸⁴. O narcisismo secundário (ou narcisismo do eu), a partir do início dos anos 1920 permanecerá como “resultado, manifesto na clínica da psicose, da retirada da libido de todos os objetos externos. Mas o narcisismo secundário não se limita a esses casos extremos, uma vez que o investimento libidinal do eu coexiste, em todo ser humano, com os investimentos objetais, havendo Freud postulado a existência de um processo de equilíbrio energético entre as duas formas de investimento que participam de Eros, a pulsão de vida, e de seu combate contra as pulsões de morte.”⁸⁵

O narcisismo secundário (investimento libidinal da imagem do eu, em que tal imagem é constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos) designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus

⁸⁴ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

⁸⁵ Idem.

investimentos objetais. Ao abandonar seu próprio corpo e seu próprio mundo e começar a investir no mundo ao seu redor, o eu se vê confrontado com um ideal que lhe é imposto de fora e com o qual tem que se comparar para continuar sendo amado. Essa é a ferida infringida ao narcisismo primário da criança – ela descobre que não é tudo (o todo) para a mãe (ou a figura materna) e isso se relacionará depois com o Édipo.

O narcisismo secundário é um grande choque para a criança. Ela vê que não é a única pessoa de que seus pais gostam e por quem se interessam. Ela percebe que não é o centro das atenções e do mundo, surgem limites, nascem os irmãos, etc. Enfim, a criança pensa inicialmente que “é” tudo para a mãe/os pais. Depois ela deixa de “ser” esse *Eu Ideal* e vai ter que procurar um *Ideal do Eu* para colocar nesse lugar.

Como se salientou antes, para Freud, o desenvolvimento do ego implica em afastamento do narcisismo primário, o qual passaremos a vida toda a buscar, pois isso significaria recuperar a perfeição narcísica e o suposto amor incondicional. Porém, só iremos nos aproximar disso pela mediação do *Ideal do Eu*.

Melanie Klein descartará a possibilidade de um narcisismo primário e de estágio narcísico, uma vez que ela assume que relações de objeto se dão desde o início da vida. Porém, mencionará estados narcísicos relacionados a retornos da libido para objetos internalizados, e que no vínculo narcísico instala-se uma identificação do ego com o objeto idealizado interno, o que possibilita dissociar e negar o objeto persecutório externo. No entanto, a estrutura narcísica, assim produzida por uma dissociação do ego, tenderá à instabilidade, mantendo-se o perigo diante da ameaça persecutória

tentativamente negada. **O sujeito narcisista em seus interesses, sempre fará alguém sofrer com isso.** A resolução do narcisismo se dá pelo interesse e amor em proteger os objetos externos e internos. **A renúncia ao desejo narcisista vem da posição depressiva, quando se escolhe abandonar interesses pessoais narcisistas em benefício do parental e por amor aos objetos.**

Jacques Lacan, em 1949, traz a sua idéia de “estádio do espelho”, baseada na querela sobre a localização do narcisismo primário e sua relação com a constituição do eu. Ele entende que o narcisismo originário se forma no momento em que a criança capta sua imagem no espelho, a qual é baseada na imagem do outro, em especial da mãe, constitutiva do eu. “O período de autoerotismo, portanto, corresponde à fase da primeira infância, período das pulsões parciais e do ‘corpo despedaçado’, marcado por aquele ‘desamparo originário’ do bebê humano cujo retorno sempre possível constitui uma ameaça, **a qual se encontra na base da agressividade**”⁸⁶. O narcisismo corresponde ao investimento do eu pela libido que, neste ato, constitui-se como libido narcísica. Lacan assinala que este investimento se faz sobre a imago do corpo próprio e que esta imago não pode ser da mesma ordem da imagem dos objetos a serem investidos pela outra libido: para Lacan, na anterioridade lógica do narcisismo não há investimento objetal possível. Não há relação de objeto que não pressuponha o narcisismo (o que se evidencia pela impossibilidade de que haja relação eu-objeto antes da constituição do eu). Aos seis meses o bebê reage com satisfação diante da percepção de sua própria imagem no espelho e tem, para Lacan, uma representação fantasmática do corpo, na qual este aparece

⁸⁶ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

fragmentado (a imago do corpo fragmentado continua a se expressar durante a vida adulta nos sonhos, delírios, e processos alucinatorios). Na experiência do espelho o sujeito se identifica com algo que não é; ele acredita ser o que o espelho lhe reflete, acaba se identificando com um fantasma, é uma ilusão da qual procurará se aproximar. Em Lacan, o estágio do espelho não é apenas um momento no desenvolvimento do ser humano; é uma estrutura, um modelo de vínculo que operará durante toda a vida. O espelho situa a instância do eu, ainda antes de sua determinação social, em uma linha de ficção. O Eu aí constituído é o ego ideal (inclusão no simbólico), o que não é igual a ideal de ego. O ego ideal (como formação intrapsíquica) é uma imago antecipatória prévia daquilo que eu não sou, mas desejo ser: imagem sonhada, mítica, ideal narcísico de poder (surgido a partir do narcisismo infantil ou primário), que cada um de nós tende a buscar continuamente. Em *A agressividade em Psicanálise* Lacan enuncia que a agressividade, como vivência essencialmente subjetiva, surge do encontro entre a identificação narcísista, da qual o indivíduo é portador, e as fraturas, às quais esta imago está submetida. No texto, em sua TESE V – *Tal noção da agressividade, como uma das coordenadas intencionais do eu humano, e especialmente relativa à categoria do espaço, faz conceber seu papel na neurose moderna e no mal-estar da civilização*, Lacan escreve:

“No homem ‘liberado’ da sociedade moderna, eis que esse despedaçamento revela, até o fundo do ser, sua pavorosa fissura. É a neurose de autopunição, com os sintomas histérico-hipocondríacos de suas inibições funcionais, com as formas psicastênicas de suas desrealizações do outro e do mundo, com suas sequências sociais de fracasso e de crime. É essa vítima comovente, evadida de alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno à mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela vem a nós; é para esse ser de nada que nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho

de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais.”⁸⁷

O estágio do espelho traz a reflexão sobre a intersubjetividade humana. O olhar do outro produz no sujeito sua identidade, por reflexo. Através do olhar do outro, o sujeito sabe quem ele é, e nesse jogo narcisista, se constitui a partir de fora. Lacan considera a pulsão de morte como expressão do narcisismo.

De acordo com Joel Birman, “qualquer ameaça à integridade da imagem especular do eu seria fonte de angústia, da ordem do horror e do terror, de sabor marcadamente arcaico. Seria nesse registro primordial do ser que se inscreveriam os fantasmas arcaicos do infante, descritos meticulosamente por Melanie Klein, nos quais as temáticas da morte, da evisceração e do despedaçamento corporal estariam no primeiro plano da cena psíquica. Em consequência disso, a agressividade se produziria no psiquismo, como contrapartida que seria a essa ameaça, como forma primordial de defesa, contra o possível retorno da fragmentação corpórea.”⁸⁸ Ao final desse mesmo artigo Birman faz uma muito importante reflexão, a saber:

“(…) a problemática da agressividade em psicanálise, com suas consequências nefastas para os sujeitos e as sociedades, deve ser concebida da articulação entre os registros do sujeito e do outro. Foi essa linha de investigação que pude encontrar e enfatizar na genealogia do discurso psicanalítico que procurei esboçar, iniciando-se com Freud e que teve em Ferenczi o seu

⁸⁷ Jacques Lacan. *Escritos*. [Tradução: Vera Ribeiro.] Rio de Janeiro: Jorge Zabar Ed., 1998. (Campo Freudiano no Brasil) p. 122 e 126.

⁸⁸ Joel Birman. Arquivo da agressividade em psicanálise. *Natureza Humana*, vol.8, n.2: 357-379, jul.-dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000200005. (Acessado em 28/jan/2024.)

intérprete fundamental, através do qual as leituras posteriores de Lacan e de Winnicott foram forjadas.

É claro que as figuras do outro, nesses vários discursos, não são a mesma, diversificando-se em diferentes figuras e concepções teóricas. Com efeito, a figura do Outro no discurso teórico de Lacan, fundado nos registros da linguagem e do discurso, não tem qualquer ponto de tangência com a do outro em Winnicott, centrado que este é na figura materna. Porém, **ambos salientaram o imperativo da alteridade, representado pela mediação do outro como condição constitutiva do sujeito.** (...)”⁸⁹ (Negrito meu.)

Ainda uma vez ainda com Roudinesco e Plon, vale registrar que “Articulada com a teoria lacaniana, que reconhece a existência do narcisismo primário antes mesmo do estágio do espelho, a reflexão de Françoise Dolto situou as raízes do narcisismo no momento da experiência privilegiada que é constituída pelas palavras maternas, mais centradas na satisfação de desejos do que no atendimento de necessidades.”⁹⁰

Finalmente, quanto ao assunto esse da agressividade, que, como se viu, pode estar relacionada diretamente ao narcisismo e sua constituição, o qual passa profundamente pela questão do olhar do outro e da alteridade, com as implicações que daí advirão para a vida do adulto e para a vida da sociedade, para que minha reflexão não dê a impressão de um inevitável determinismo pessimista, recorro, mais uma vez, ao texto lacaniano. No volume “Escritos”, em *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*, na parte V – *Da inexistência dos “instintos criminosos”*: *a psicanálise detém-se na objetivação do Isso e reivindica a autonomia de uma experiência irreduzivelmente subjetiva*, é o próprio Lacan quem escreve:

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge.] Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 530-533.

“Para nós, dentro dos limites que nos esforçamos por definir como aqueles a que nossos ideais sociais reduzem a compreensão do crime, e que condicionam sua objetivação criminológica, se nos é possível trazer uma verdade de um rigor mais justo, não nos esqueçamos de que devemos isso a uma função privilegiada: a do recurso do sujeito ao sujeito, que inscreve nossos deveres na ordem da fraternidade eterna: sua regra é também a regra de toda ação permitida a nós.”⁹¹

Tentativa de uma sucinta conclusão

Pus-me a caminhar numa longa digressão quanto ao aspecto psicanalítico do raciocínio que pretendi desenvolver. Não soube ser mais breve e objetivo. Quero, então, retomar. A idéia inspiradora foi bastante simples: a constatada insuficiência seja do modelo capitalista vigente, seja de todos os demais alternativos, para aplacar as lamentáveis condições socioeconômicas de uma gama considerável e majoritária da atual população mundial, que perpassa por países de todos os coloridos sociopolíticos. Tal verdade, creio, foi bem caracterizada na parte primeira de meu texto, com a inestimável ajuda do Padre Alfredo Sáenz e de Viviane Forrester. Na parte segunda, intentei, então, apresentar e pensar a respeito de propostas outras para fórmulas econômicas, com destaque para as ideadas por pensadores de dentro da própria Igreja Católica, com ênfase explícita à hipótese da Economia de Comunhão, lançada por Chiara Lubich. Mas a intuição desta autora a levou a uma formulação precisa: “Mudar os homens para mudar as estruturas, e mudar as estruturas para mudar os homens”.

⁹¹ Jacques Lacan. *Escritos*. [Tradução: Vera Ribeiro.] Rio de Janeiro: Jorge Zabar Ed., 1998. (Campo Freudiano no Brasil) p. 148 e 151.

Nesse ponto fiz-me as perguntas: “Que tipo de mudança(s) profunda(s) precisamos nós hoje? E – como poderíamos buscar o auxílio da Psicanálise para tanto? A partir de tal ponto percorri alguns textos de grandes autores da Psicanálise e entrevistei-me com colegas psicanalistas de atenta clínica atual.

E o que pude até aqui concluir, sujeito a discordâncias e contestações, é que o epicentro dessa possível “transformação” está em mover forças interiores (da alma, do espírito e do psiquismo) a fim de que cada um de nós possa perceber e exercer a alteridade. Mas que isso se dê não como um ato de moda, de momento, de efeito, de *marketing*, ou de uso de uma palavra atual simpática e que poucos sabem da profundidade de sua etimologia e significado – e por isso mesmo da quase impossibilidade de que aconteça; que isso se dê então, repito, a partir de um seríssimo trabalho de reconstrução das lacunas de nosso psiquismo, das fraturas de nosso narcisismo original, de tal sorte a podermos nos libertar, pelo menos suficientemente, de nossos excessos agressivos e egóicos. De tal sorte a sermos suficientemente humanos para enxergar o outro como outro, com sua face, rosto e semblante, ao modo do que tão bem nos ensinou o filósofo Emmanuel Levinas⁹², como antes referido. De tal sorte a praticarmos a priorização do outro, tanto quanto conseguirmos, sem qualquer tipo de escolha ou preferência de quem é esse outro. De tal sorte a conquistarmos a capacidade, nesse crescendo de possibilidades, de, ao olhar o outro, ele ser ele e não reflexo/desejo de nós, e mais, transparecer no rosto dele-

⁹² Fausto Antonio de Azevedo. *O homem é um ser ético?* Texto disponível em: <https://cyelus.com.br/category/artigos/>.

outro, seja como metáfora ou fé, o rosto do *Jesus Abandonado* de que tão comovidamente nos fala Chiara Lubich.

Pequena Bibliografia sobre o Narcisismo (além do já citado no corpo do texto)

- GIDE, André. *O tratado de Narciso: teoria do símbolo*. 2ª. ed. São Paulo: Flumen, 1984. 28 p.
- HORNSTEIN, Luis. *Narcisismo – autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Editora Via Lettera, 2009. 224p.
- NASIO, Juan-David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. [Tradução: Vera Ribeiro.] Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 201 p. Tópico 3 – O conceito de narcisismo. p. 49-82.
- NICÉAS, Carlos Augusto. *Introdução ao narcisismo – O amor de si*. 3ª. ed. [Coleção Para ler Freud] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 126 p. (<https://www.record.com.br/produto/introducao-ao-narcisismo/>)